

possibilidades latentes e às novas necessidades dessa sociedade. (...)".¹³¹

Pode-se notar, então, que Trotsky chama atenção para o fato de que as relações entre indústria e agricultura implicam a implantação de diversos procedimentos de ordem quantitativa e qualitativa que conduzam para um universalizante desenvolvimento industrial, compreendendo ao interior desse objetivo a própria industrialização da agricultura. No limite, essa preocupação traduz a necessidade do desaparecimento da separação entre cidade e campo. Mas, neste sentido, mesmo que fosse possível vislumbrar a proporcionalidade adequada, ela seria muito mais uma concepção presente no discurso do que na prática se a economia nacional não estivesse interligada ao mercado mundial.

Tal conclusão decorre da constatação do atraso soviético, e por conseguinte, da impossibilidade de lançar mão das forças produtivas, quantitativa e qualitativamente, num nível concernente às exigências internas de manutenção de uma proporcionalidade econômica adequada. Por exemplo, Trotsky concluiu que nos anos que se seguiriam a 1925 seria vantajoso importar pelo menos cerca de 3/5 do equipamento necessário à constituição do aparelho produtivo interno: "*(...) se quisermos empregar imediatamente, de uma só vez, nossos meios e nossas forças na produção de novas máquinas, deslocaríamos as relações necessárias entre os diferentes ramos da economia, e entre o capital fixo e o capital circulante, acumulando-os em só um ramo da economia, ou, se mantivermos intactas estas relações, diminuiríamos em muito o ritmo da marcha do crescimento econômico. Porém, uma diminuição do ritmo é muito mais perigoso para nós do que a importação de máquinas do exterior, assim como, em geral, de todo tipo de mercadorias necessárias. (...)".¹³²*

Para que esse objetivo pudesse ser materializado, obviamente, teria que ser admitido implicitamente, como já foi destacado, o monopólio do comércio exterior nas mãos do Estado. Assim, as diretrizes da produção teriam a sua disposição uma via que orientasse o comércio exterior segundo os seus desígnios. E a industrialização, conjugadamente com a coletivização da agricultura, deveria evoluir em associação com o desenvolvimento do comércio exterior.

Ao mesmo tempo, esta ação orientada para o exterior, além de abarcar o próprio comércio, deveria incluir outros instrumentos que, em certa medida, são peças partícipes do comércio exterior, em virtude da sua natureza monopólica, e coincidem com a natureza da tomada de decisão quanto ao uso destes

¹³¹ TROTSKY, 1987, op. cit., pp. 193-194.

¹³² TROTSKY, 1928, op. cit., pp. 122-123.

instrumentos, também exclusivamente estatais. São mecanismos componentes dos fluxos internacionais de capitais que tem como contrapartida a geração de renda no plano produtivo interno. Obviamente, são fluxos naturais nas relações que os próprios países capitalistas estabelecem entre si, a saber, o **crédito internacional** (de financiamento de exportações e importações e, ao mesmo tempo, antecipações sobre uma acumulação futura a ser criada pelo trabalho soviético), as **concessões** (ou investimentos diretos na economia soviética que podem ser vistos, também, como antecipações feitas à economia soviética pela acumulação capitalista mundial) e os **empréstimos internacionais** (a forma mais pura de antecipação sobre a acumulação socialista futura).

O uso dos coeficientes de comparação, então, acopla-se a essa moldura permitida pelo conjunto de variáveis que decorrem das relações estabelecidas com a economia externa. Apresenta-se por meio dessas peças a possibilidade efetiva da prática da planificação. O exercício do plano deveria significar a administração da atividade econômica de acordo com a *racionalidade* econômica socialista, nesta etapa, particularizada em termos da acumulação socialista primitiva. Nas questões práticas, particulares e de perspectiva, os coeficientes seriam insubstituíveis.

A comparação da atividade interna com a economia mundial com base nos coeficientes de comparação conduz à possibilidade de mudanças, alterações e correções de rumos, do que é ressaltada a necessidade, a cada momento, de se recorrer ou não ao exterior, em maior ou menor escala, para obtenção de produtos acabados, indicações técnicas, máquinas novas, especialistas e concessões.

É possível afirmar que todo o conjunto de procedimentos sugeridos por Trotsky no sentido de implementar o crescimento da economia soviética em bases socialistas tem como norma envoltoria as relações indispensáveis com o mercado mundial. Estas surgem no esquema trotskista como uma questão de princípio. É um princípio teórico e, ao mesmo tempo, peça obrigatória para a conformação dos dispositivos materiais exigidos para o cumprimento da etapa "capitalista" do desenvolvimento socialista conforme previsto pela teoria da revolução permanente:

"(...) Apresenta-se, então, a necessidade de nos orientarmos mais ainda, do que fizemos até o presente, de uma maneira justa. isto é, sistemática e científica, até todas as questões econômicas mundiais. (...) Trata-se de manter as relações (dinâmicas) entre os principais ramos da indústria e a economia como um todo, intervindo sobre estas relações no momento oportuno, ou seja, naqueles elementos da economia mundial que são suscetíveis para a

*aceleração da dinâmica do processo considerado em seu conjunto.
(...)"*.¹³³

A interpretação da situação russa baseada na teoria da revolução permanente indubitavelmente apresenta-se como aporte central para as concepções econômicas de Trotsky visando a construção socialista. Não poderia deixar de ser dessa maneira, e aqui reafirma-se esta questão para que seja possível compreender corretamente determinadas formulações importantes, ou fundamentais, constitutivas do modelo de Trotsky para o desenvolvimento econômico soviético. Não obstante, deve ser apontado que o esforço de Trotsky, até aqui mencionado, em pensar o desenvolvimento econômico para a URSS está assentado sob a hipótese restritiva da **não realização**, ou do retardamento, da internacionalização da revolução proletária, fato que, uma vez consumado, exigiria uma reflexão a respeito desse desenvolvimento em bases distintas daquelas que se fariam presente na hipótese da eclosão da citada revolução, .

Isto posto, na opinião de Trotsky, apoiar-se na teoria da revolução permanente, conduzia à conclusão de que para a Rússia "*(...) o que necessitamos não é a república burguesa nem tampouco a ditadura democrática do proletariado e do campesinato, mas sim o governo operário apoiado pelo campesinato que inicie a era da revolução socialista internacional. (...)*".¹³⁴

Esta afirmação sintetiza a busca de equacionamento da problemática das relações entre as classes em um país atrasado que se propõe realizar uma transição ao socialismo sem a consolidação da burguesia enquanto classe dominante. Porém, concomitantemente, está presente nesta síntese a incorporação

¹³³ *idem*, pp. 127-128.

¹³⁴ TROTSKY, 1974, op. cit., p. 64.

de métodos que a própria burguesia naturalmente adotaria se tivesse oportunidade de conduzir tal país ao desenvolvimento capitalista enquanto classe *para si*. Ao mesmo tempo, fica claro que a classe operária, considerada como a classe revolucionária, só poderia ter o seu poder consolidado se empreendesse atitudes na esfera econômica que coincidissem com os interesses daquela classe que se apresentava como o seu principal, e talvez único, aliado.

Neste sentido deveriam ser estabelecidas entre o proletariado e o campesinato relações de colaboração, uma aliança operário-camponesa (*smychka*), mas que, ao mesmo tempo, obrigatoriamente, teriam um caráter dialético, isto é, antitéticas, por estarem assentadas, sobretudo, sobre o elemento econômico. Ora, se o proletariado encarnava explicitamente o objetivo do socialismo, compreendera sua posição de classe *para si*. O mesmo não se processava com o campesinato, cujo interesse imediato estava voltado para a frutificação dos resultados decorrentes da aquisição prática da propriedade da terra permitida pela revolução em face da expropriação dos grandes proprietários rurais.

Não seria possível constituir a aliança por meio de recursos doutrinários ou ideológicos, ou através do apelo propagandístico calcado nas virtudes do socialismo. O elemento econômico seria determinante, posto que, se o proletariado não estivesse disposto, ou se mostrasse incapaz de oferecer ao campesinato as mercadorias que este necessitava a bons preços, a burguesia estaria disposta a fazê-lo. Em outras palavras, significa dizer que a melhoria das condições materiais do camponês apresentava-se como o pressuposto principal para que o próprio socialismo buscasse os meios para sua evolução. Como já foi enfaticamente observado, na ótica de Trotsky, progressão para o socialismo tem como sinônimo o desenvolvimento industrial.

Constata-se, então, com certa facilidade, que a economia camponesa joga um papel importante nas formulações de Trotsky. Tal importância leva-o inclusive a afirmar que o Estado soviético deveria ser adaptado, durante um determinado período, às necessidades do campesinato. Essa adaptação não tem outro significado que não a avaliação derivada do reconhecimento da função significativa exercida pela coexistência entre procedimentos econômicos mercantis e socialistas. Não obstante, este papel desempenhado pelo campesinato deveria estar restrito a um determinado período da transição no qual estaria em ação mediante as dimensões concernentes à iniciativa privada, liberdade do comércio, acumulação individual, etc.

Conquanto essa adaptação seja admitida, deve ficar bem claro que, como o objeto em questão é o socialismo, ela terá que expressar no relacionamento entre as duas classes as situações de dominância e subordinação. Esta exigência se colocava em decorrência da natureza pequeno-burguesa da atividade agrícola. O desenvolvimento agrícola seguindo os ditames mercantis não poderia tender para outra situação que não a implantação do capitalismo enquanto totalidade, isto é, depois de atingido certos limites ele passaria a demandar a reunião dos elementos econômicos e os relativos à dominação política da classe que os possui. O estabelecimento da posição de dominação, contraditoriamente presente ao interior de uma aliança de classes, não se detém diante de manifestações de ordem subjetiva, pois há uma objetividade que se sobrepõe inapelavelmente enquanto desfecho progressista do destino da sociedade.

Se os métodos mercantis devem ser inevitavelmente empregados na organização econômica do Estado proletário, os próprios agentes econômicos que os empregam diretamente devem fazer parte do projeto socialista enquanto seus futuros componentes, muito embora no estabelecimento da aliança os mesmos estejam "economicamente" em oposição a este projeto. É o que se depreende da lógica implícita à teoria da revolução permanente que supõe o emprego do "capitalismo" para o desenvolvimento socialista. Desta maneira, a adesão do campesinato ao socialismo dependeria de quão satisfeito ele se sentisse quanto ao preenchimento de suas necessidades materiais produtivas e de consumo pessoal pela indústria estatal; e ainda da forma segundo a qual se daria o atendimento desta demanda por parte desta indústria sob comando do Estado socialista.

Caberia, bem entendido, à indústria estatal organizar-se, no espectro social presente no universo soviético, de maneira a adequar-se àquela exigência. Para isso, todo um sistema econômico particular deveria ser implementado: "(...) a adaptação da indústria ao mercado camponês nos impõe em primeiro lugar a tarefa de baixar o mais possível o preço de venda dos produtos industriais. Entretanto, o preço de venda depende não somente da organização do trabalho em uma fábrica particular, mas também da organização de toda a indústria estatal, dos transportes, das finanças e de todo o aparato comercial do Estado. (...) Como herdamos uma indústria extremamente desorganizada e cujas partes, antes da guerra, se coordenavam em proporções muito diferentes das que existem agora. é muito grande a dificuldade de coordenar entre si os numerosos setores da indústria de maneira que esta última seja, por intermédio do mercado, adaptada à economia camponesa. Se nos remetermos unicamente à crise para efetuar a reorganização

*necessária, daríamos todas as vantagens ao capital privado que se interpõe entre nós e o campo, quer dizer, entre o camponês e o operário. (...)*¹³⁵

A organização deste sistema econômico que, como já foi visto, envolve o emprego das variáveis industrialização, proporcionalidade, economia mundial e planificação dentro de uma certa lógica, na fase que se identifica com a acumulação primitiva, representa, em paralelo, o recurso a uma iniciativa voltada para contrabalançar o espontaneísmo presente no crescimento, ou desempenho, da atividade agrícola. Não é outro o sentido da proposição do mecanismo de ajuda a uma parcela dos camponeses, aqueles mais pobres, na forma de crédito e apoio agrônômico, além do fornecimento extensivo daqueles produtos de uso agrícola diretamente elaborados pela indústria, tais como adubos artificiais e máquinas e implementos agrícolas a preços razoáveis. Como, também, a indústria funciona utilizando métodos de mercado, seriam necessários fundos monetários para desenvolver o crédito agrícola e estes seriam originados dos lucros obtidos pelas indústrias estatais.

É possível afirmar que Trotsky compreendia a importância do mercado no conjunto da chamada economia mista muito mais como fator reativador da atividade econômica e, por extensão, como o mecanismo adequado para, em face da circulação econômica daí advinda, promover o desenvolvimento da indústria até uma determinada etapa da transição. Esta concepção econômica para o desenvolvimento socialista tem como seu fulcro, na verdade, a criação das fontes de financiamento para a industrialização. Evidentemente, estas estavam fortemente concentradas na agricultura num primeiro momento e deveriam permanecer assim por um tempo relativamente longo, até que a acumulação primitiva estivesse concluída em sua etapa mais importante.

Sendo o imposto em espécie, considerado como a transferência de uma parcela da renda agrícola para o setor estatal, um dispositivo importante para o "reinício" das atividades econômicas depois do fim da guerra civil, seu raio de alcance era limitado como mecanismo em si para que a indústria ultrapassasse a etapa da sua restauração. O mais importante seria que o excedente agrícola se transformasse numa demanda "sustentada" por produtos industriais. Criadas as condições para que essa demanda se confirmasse, por outro lado, formas de tributação poderiam ser utilizadas extraordinariamente, como, por exemplo, naquelas condições de potencial acumulação acima da média por parte de uma

¹³⁵ Idem, pp. 102-103.

camada de camponeses, fator este que levava a uma diferenciação social no campo perigosa para a consolidação do projeto socialista.

É significativo examinar esta postura de Trotsky face ao financiamento da indústria porque ela incide diretamente sobre o caráter das trocas entre os produtos agrícolas e industriais. Como se sabe, é através das trocas de mercadorias que acontece a transferência de valores resultantes do trabalho entre um segmento e outro da sociedade. Não basta a existência das condições produtivas para a elaboração do sobretabalho: é necessário que o resultado do trabalho seja realizado, isto é, seja trocado, para que uma classe, em se tratando de uma situação histórica em que elas já estejam presentes, se aproprie de um mais-trabalho alheio. No caso soviético, nesta etapa, a industrialização ocorria em sua fase da acumulação originária e, por conseguinte, a extração do excedente gerado pelo campesinato seria inevitável.

Apesar deste reconhecimento, Trotsky argumentava que deveria haver um limite à extração desse excedente, sem o que a demanda por bens industriais gerada na agricultura seria seriamente insuficiente, ou passaria por oscilações fortemente prejudiciais à consolidação da indústria. Assim, ele assume parcialmente a tese de Preobrahensky da "troca desigual" ou trocas "não equivalentes" entre a indústria e agricultura em favor da primeira. Em vista disso, em 1923 se opôs a uma política que buscava o reforçamento da aliança operário-camponesa através do aumento dos preços agrícolas. Sua ponderação, ao contrário, apontava para uma política voltada para a diminuição dos preços industriais que levasse ao fim das "crises das tesouras". Naquele período, estas crises estavam potencialmente presentes, pois como a agricultura se recuperava mais rapidamente, produzia a preços mais baixos do que a indústria ainda muito atrasada tecnologicamente.

As fontes de acumulação engendradas pela própria indústria deveriam crescer se esta elevasse sua produtividade, produzindo mais e a preços mais baixos, possibilitando a industrialização da agricultura em maior escala e mais rapidamente. Então, o mecanismo de transferência de valor para a indústria, representado pela venda de preços industriais acima do valor, deveria ser regulado dentro dos limites representados pelos preços industriais pagos pelos camponeses antes da revolução.¹³⁵

A concretização desse objetivo, porém, dependia da implementação da indústria segundo o princípio da proporcionalidade econômica com a qual Trotsky tanto

¹³⁵ DEVAUX, Jean. *Lenin y Trotsky y la transición al socialismo*. In *Críticas de la economía política*, Mexico, Ediciones El Caballito, Edición Latinoamericana, no. 29, 1986, pp. 46-48.

insistiu. A elevação da produtividade na indústria não poderia ocorrer se a mesma não se desenvolvesse de forma relativamente harmoniosa. Acontece que nos primórdios da NEP, somente a indústria leve conheceu uma progressão razoável, o que, como seria de se esperar, acabou resultando numa desproporcionalidade tal que os ramos da indústria pesada tornaram-se relativamente pequenos e insuficientes para permitir que a indústria como um todo pudesse crescer com elevação da produtividade e queda de preços. Foi por essa razão que Trotsky insistiu na aceleração da implantação da indústria pesada a partir de 1925. Ele avaliava que, depois que a indústria recuperou seu nível de produção anterior à guerra, mediante taxas anuais de crescimento entre 40 e 50%, a taxa de expansão da indústria soviética, mesmo num patamar substancialmente inferior, poderia alcançar médias muito superiores às verificadas nos países capitalistas desenvolvidos. Para tanto, além, por suposto, da existência do Estado socialista, seria necessária uma regulamentação cada vez mais sólida dos processos econômicos fundamentais, dos quais fazem parte a importação e a exportação (o vínculo com o mercado mundial).¹³⁷

A formação de uma base industrial adequada não poderia ser colocada como meta secundária entre todas aquelas que perfaziam o conjunto de medidas relacionadas ao desenvolvimento. Se, nos primeiros anos da NEP, impunha-se uma recuperação econômica comandada mais enfaticamente segundo os desígnios e orientação do mercado agrícola, o que levara, por outro lado, à inevitável desproporção entre os ramos industriais e, por extensão, entre a indústria e a agricultura, atingido certos limites, deveria haver uma correção de rumos em direção à industrialização pretendida como a mais adequada aos interesses socialistas.

Em seu período inicial a NEP conheceu como direção estatal da economia atitudes muito mais de caráter de coordenação e distribuição material quanto ao fornecimento dos diferentes ramos da indústria do que uma intervenção de ordem produtiva. Naquele espaço de tempo os demais elementos econômicos próprios de uma economia mercantil que passaram a vigir estavam condicionados prioritariamente às urgências da recuperação da economia, o que, vale dizer, aplica-se também às finanças e à política monetária e creditícia. De modo que instalou-se aquilo que ficou conhecido como a "ditadura das finanças" comandada por Grigory Solkonikov, o Comissário de Finanças. Sua preocupação principal com a moeda desviou a atenção dos fundamentais problemas de longo-prazo relativos à proporcionalidade intersetorial: "(...) *uma rápida lucratividade tornou-se o principal critério para o acesso aos recursos financeiros e fábricas de linguagem tiveram*

¹³⁷ TROTSKY, 1928, op. cit., pp. 112-114.

prioridade sobre os requerimentos mais elementares da indústria pesada. Solkonikov identificou sua política com o pensamento de Lenin sobre o 'capitalismo de Estado', mas ele se esqueceu que Lenin falou de elementos de mercado e planificação conjuntamente. (...)"¹³⁸

Ocorre que, na linha do adequado conteúdo que deveria revestir a aliança operário-camponesa, como já foi destacado aqui, para Trotsky, a "ditadura" deveria corresponder à indústria e não às finanças, implicando que o comércio exterior e a moeda deveriam estar subordinados à indústria estatal. De sorte que, assim ele respondia àqueles que o acusavam de colocar o campesinato em segundo plano e de pretender um ritmo de desenvolvimento superior à capacidade da economia.

Para ele a construção correta do socialismo deveria estar balizada não pelo ritmo do desenvolvimento ou pela sua rapidez, mas sim pela **direção e rumo** que este deveria seguir. A insistência na industrialização pesada, sob certos parâmetros dados pela proporcionalidade, e a uma determinada taxa, a partir da segunda metade de década de 20, que lhe valeu a pecha de "superindustrializador", estava pautada, segundo ele, nessa linha orientadora.

Faz-se interessante nesta altura observar uma diferenciação entre o sistema de desenvolvimento proposto por Trotsky e aquele elaborado por Lenin no que se refere à sua estrutura orgânica. Para Trotsky tratava-se de organizar a transição para o socialismo constituindo um aparato cuja conceituação decorre do caráter da propriedade dos meios de produção. Esta era considerada de caráter social, ou socializada, assim se manifestando por força da conquista revolucionária de sua posse aos seus antigos proprietários, principalmente, a burguesia industrial e comercial, os grandes proprietários rurais e o Estado czarista. E quanto à questão particular da terra, mesmo que fosse admitido que os camponeses, na nova situação, agissem como um conjunto atomizado de milhões de novos e pequenos proprietários rurais, sua propriedade, juridicamente, pertencia ao Estado socialista.

Deriva disto que, para Trotsky, nessa situação, em meio a esse conjunto de forças produtivas, tocadas diretamente pelo Estado, de um lado, e pelo campesinato, de outro, emergia um fundamental conjunto de unidades produtivas chamado por ele de "economia estatal" a quem caberia conduzir *toda* a economia para o socialismo: "(...) *por economia estatal entendemos evidentemente, além da indústria, os transportes, o comércio estatal exterior e interno e as finanças. Todo esse complexo - em seu conjunto e em suas partes - se adapta ao mercado*

¹³⁸ DAY, 1988, op. cit., p. 18.

*camponês isolado (...). Mas esta adaptação tem como objetivo principal reforçar e desenvolver a indústria estatal, pedra angular da ditadura do proletariado e base do socialismo. (...)*¹³⁹

Com isso Trotsky queria salientar que todo o processo de desenvolvimento econômico deveria ter um objetivo insubstituível: o da construção da indústria estatal, mesmo que temporariamente crescessem mais rapidamente do que ela a economia agrícola e outros setores onde o capital privado estivesse atuando. Assim, mesmo concordando, como já foi visto, com o expediente das concessões ao capital privado externo, as empresas que assim funcionassem não fariam outra coisa senão contribuir para o desenvolvimento da "indústria estatal" e não para o "capitalismo de Estado" como concebido por Lenin. Este tipo de organização econômica, como o próprio Lenin salientara, deveria ser identificado como uma "etapa" entre o capitalismo e o socialismo, o que dava margem a confusões incômodas.

Em outras palavras, poderia ser dito que em seu projeto de desenvolvimento "capitalista" para a URSS, Trotsky coloca num plano inferior àquele considerado por Lenin o papel de "organizador" da produção que deveria ser atribuído à burguesia neste processo. Em sua análise o próprio proletariado deveria exercer essa função mais concentradamente, o que não estaria em contradição com a permissão dada pelo Estado operário para que a burguesia atuasse como concessionária e, portanto, como "organizadora" de unidades produtivas.

Assim deve ser entendido a partir da objeção feita ao termo "capitalismo de Estado", tão amplamente empregado por Lenin, como já foi visto, mas que Trotsky não incorpora ao seu modelo. Comentando a respeito do referido conceito, sem criticar diretamente Lenin, ele faz as seguintes observações:

"(...)Em minha opinião, este termo não é exato e nem conveniente. O camarada Lenin já salientou em seu Informe a necessidade de se colocar este termo entre aspas, isto é, de utilizá-lo com muita precaução. Trata-se de uma recomendação muito importante, pois nem todo mundo é prudente. Na Europa, esse termo é utilizado, e foi interpretado equivocadamente inclusive pelos comunistas. São muitos os que imaginam que a nossa indústria estatal representa um autêntico capitalismo de Estado no sentido restrito da palavra, tal como foi aceita universalmente pelos marxistas. Se realmente se fala de capitalismo de Estado, deve-se fazê-lo com aspas bem destacadas, capazes de cobrir o próprio termo. Por que razão? É evidente: ao utilizar esse termo não se pode esquecer o caráter do Estado. (...) O termo 'capitalismo de

¹³⁹ TROTSKY, 1974, op. cit., p.83.

Estado' foi proposto e imediatamente utilizado com fins polêmicos pelos revolucionários marxistas contra os reformistas, ou seja, com a finalidade de explicar e provar que a autêntica socialização só começa pela conquista do poder pela classe operária.

*Os reformistas, como sabem, construíram todo o seu programa em torno das reformas. Nós marxistas jamais negamos as reformas, mas afirmamos que seu momento surgiria com a conquista do poder pelo proletariado, e este é o ponto central da polêmica. Hoje, na Rússia, o poder encontra-se nas mãos da classe operária. As indústrias mais importantes estão nas mãos do Estado operário. Não se encontrará nenhuma exploração e, portanto, nenhum resquício de capitalismo, ainda que suas formas persistam. **A indústria do Estado operário é uma empresa socialista devido as claras tendências de seu desenvolvimento. Para se desenvolver, utiliza métodos que foram inventados pela economia capitalista e que sobrevivem entre nós.** Sob um capitalismo de Estado autêntico, ou seja, sob uma direção burguesa, o crescimento do capitalismo de Estado significa o enriquecimento do Estado dos burgueses e seu poder crescente sobre as massas operárias. **Entre nós, o crescimento da indústria estatal soviética significa o crescimento do socialismo, que procede diretamente do poder proletário. (...)**"¹⁴⁰*

Vejamos agora mais detalhadamente o conteúdo teórico daquela peça do modelo trotskysta que a princípio aparece como a mais absurda, ou incongruente, para alguém que se proponha marxista ou revolucionário socialista: a problemática da ligação da economia soviética com o mercado mundial.

Naturalmente, a inclusão da variável **mercado mundial** não ocorre aleatoriamente como pode ser encontrado, por exemplo, na formulação de construções abstratas cujas variáveis guardam coerência lógica entre si. Muito menos deve ser vista como um recurso que assume a forma de um *deus ex machina*. A formulação de Trotsky decorre de sua consistente formação marxista e, por essa razão, de sua assimilação da crítica da economia política efetuada por Marx que vê o modo de produção capitalista como um sistema cujas relações abrangem tendencialmente todo o mundo, depois de formar-se no espaço nacional de alguns países em que apareceu pioneiramente.

Há que se considerar, então, a interpretação de Trotsky elaborada no sentido de compreender o funcionamento da organização econômica utilizada pela humanidade numa determinada época histórica. Esta época corresponde à vitória e consolidação do modo de produção capitalista à escala mundial. o que, em termos

¹⁴⁰ TROTSKY, 1987, op. cit., pp. 210-211. Grifos meus.

objetivos, cria as condições, segundo a análise marxista, para que o socialismo o substitua na via da evolução humana:

"(...) as relações burguesas de produção constituem a última forma antagônica do processo social de produção, antagônicas não em um sentido individual, mas de um antagonismo nascente das condições sociais de vida dos indivíduos; contudo, as forças produtivas que se encontram em desenvolvimento no seio da sociedade burguesa criam ao mesmo tempo as condições materiais para a solução deste antagonismo. Dai que com esta formação social se encerra a pré-história da sociedade humana. (...)".¹⁴¹

Mas, deve-se ter em mente, contudo, que:

"(...) nem Marx nem Engels jamais conceberam o socialismo como via de desenvolvimento ou modelo alternativo para o capitalismo, senão como consequência de sua expansão. Sem o rápido aperfeiçoamento dos instrumentos de produção e o constante progresso dos meios de transporte e comunicação, com que a burguesia arrastava até as nações mais bárbaras à civilização, não seria possível realizá-lo. (...)".¹⁴²

Implícita à formulação de Trotsky propositora do estabelecimento de relações econômicas internacionais com o mundo capitalista está sua visão da economia mundial como uma *totalidade* constituída segundo um desenvolvimento sujeito à *lei do desenvolvimento desigual e combinado*. Nenhum país, ainda mais naquela altura da evolução internacional do capitalismo, poderia se considerar como um parte isolada deste todo, ou poderia julgar que estaria em condições de caminhar independentemente das relações de produção determinantes. O isolamento de um país qualquer, seja sob quaisquer condições, não teria outro resultado que não aquele proveniente da negação de sua cota-parte na formação de um universo econômico que abarcava inapelavelmente todos os povos: a paralisação de seu desenvolvimento relativo frente o todo.

Muito embora seja inegável a correção dessa análise, para Trotsky ela não pode ser tomada como inflexível, desde que seja lembrado o objetivo perseguido da organização socialista da economia mundial. A flexibilização aparece na medida em que o socialismo substitua o capitalismo no centro do sistema. Sim, porque a economia mundial sob o capitalismo representa uma totalidade de países centrais e dependentes. Existe uma lei do valor que atua a nível internacional e determina a

¹⁴¹ MARX, Karl. *Prefácio a Para a crítica da economia política*. In "Marx". São Paulo, Nova Cultural, 1987, vol. 1, p. 30.

¹⁴² BANDEIRA, Moniz. *Do ideal socialista ao socialismo real: a reunificação da Alemanha*. São Paulo, Ensaio, 1992, pp. 21-22.

acumulação do capital em maior escala e intensidade, tanto quantitativa como qualitativamente, em determinados países que se projetam como os postos avançados de um *imperialismo*, subordinando os elos fracos, os países relativamente atrasados.

A princípio, a Revolução Russa, mesmo acontecendo no elo mais fraco do capitalismo, foi concebida como ponto de partida em termos práticos da revolução proletária mundial. Uma vez que os principais países europeus estivessem ingressado no socialismo, o que deveria acontecer com muito mais rapidez, comparativamente à Rússia, depois que a burguesia fosse expropriada, os países relativamente atrasados seriam integrados a uma totalidade numa condição completamente oposta àquela representada pela integração mundial capitalista. Em vez de uma lei internacional do valor, uma planificação científica da economia mundial prevaleceria de tal forma que o desenvolvimento arrastasse a todos "homogeneamente".

O quadro concreto que se configurou depois de 1917 - para os fins de entendimento da vinculação da economia soviética com o mercado mundial - deve ser considerado como uma exceção a essa regra, não no sentido de sua lógica, mas, sim, naquele que respeita à sua realização temporal. O fracasso da revolução nos principais países capitalistas, para Trotsky, não retiraria da Rússia a condição de primeiro país capitalista a procurar o caminho do socialismo e primeiro momento de um processo que se colocava objetivamente, a revolução mundial, agora adiada por um espaço de tempo indeterminado.

Concretizado tal cenário não se tratava agora de pensar o desenvolvimento soviético como único bastião do socialismo e, por isso, isolar-se dos fluxos econômicos que transitavam no mercado mundial. Para Trotsky a propositura do "fechamento" teria uma justificativa muito mais ideológica do que uma explicação baseada na importância do elemento econômico quanto às possibilidades de desenvolvimento da economia soviética. Sua certeza vinha de um fator indispensável agora tornado concretude: a propriedade social dos meios de produção e, decorrendo disto, o monopólio do comércio exterior e a possibilidade de aplicação do planejamento econômico:

"(...) Trotsky (...) insistia em que a integração dos países atrasados no mercado mundial implicava seu controle pelo capital financeiro internacional e, em conseqüência, um desenvolvimento deformado e subordinado, determinado pela operação da lei do valor e a acumulação internacional de capital no mercado mundial. Nenhuma industrialização orgânica ou harmoniosa de um país

*atrasado é possível nessas condições e nunca deveria ter ocorrido a Trotsky defender a tese de que a república soviética deveria sujeitar-se voluntariamente a tais condições. Por isso, ele considerava como conquista fundamental da Revolução de Outubro o monopólio estatal do comércio exterior. Na sua opinião, esse monopólio era uma arma crucial da estratégia econômica, que permitia à economia soviética valer-se dos recursos tecnológicos dos países adiantados sem se submeter à lei do valor, que opera no mercado mundial. Trotsky se opunha, certamente, à noção de lutar por qualquer autarquia econômica, e este último objetivo estava, na realidade, ligado às ilusões do 'socialismo num só país'. É claro que na ausência de uma revolução mundial Trotsky compreendeu perfeitamente que a Rússia jamais se emanciparia totalmente da **influência** da lei do valor, apesar do monopólio do comércio e do mecanismo de uma economia planejada. (...)"*¹⁴³

Desde que as relações com o mercado mundial fossem restabelecidas, e só não o seriam em caso de um cerco capitalista permanente contra a URSS, hipótese contraproducente em face da recuperação da economia nos anos iniciais da NEP que integrava naturalmente o país à economia mundial, o esforço para desenvolver a economia interna isoladamente deveria resultar em deformações inevitáveis decorrentes da impossibilidade de implantação das proporcionalidades de forma adequada. Ou, o desenvolvimento, nestas condições, só poderia ocorrer segundo uma insuportável desproporção entre os diferentes ramos e setores da economia soviética.

Dado que se tratava, a URSS, de um país de regime de propriedade social, de acordo com Trotsky, a convivência positiva com o mercado mundial para a implantação da economia soviética decorria das seguintes vantagens: i) a insignificante existência na economia soviética de classes parasitárias. O fato da supressão da burocracia czarista, da nobreza e da burguesia asseguravam uma utilização muito mais integral e eficiente dos excedentes implicando num crescimento relativamente significativo; ii) a supressão do princípio da propriedade privada permitiria à Administração Estatal a possibilidade de dispor, a qualquer momento, com toda a liberdade necessária, dos meios que necessitasse num período qualquer. Os gastos não produtivos do paralelismo econômico, da concorrência, etc., seriam enormemente diminuídos e diminuiriam ainda mais no futuro; iii) o estabelecimento do princípio do Plano Estatal quanto à técnica de produção, que começava a ser implantado (padronização, especialização das fábricas, sua unificação de maneira que representem um organismo de produção harmônico), prometia para períodos bem próximos, um aumento considerável e sempre crescente do coeficiente de produção soviético; iv) embora a economia soviética

¹⁴³ MANDEL, Ernest. *Trotsky: um estudo da dinâmica de seu pensamento*. Rio de Janeiro, Zahar, 1980, pp. 119-120.

enfrentasse crises e dependesse crescentemente do mercado mundial, entretanto, a previsão e a regularização crescentes do Plano estatal deveriam reduzir consideravelmente os períodos de crise no desenvolvimento soviético e assegurariam um excedente de acumulação considerável.¹⁴⁴

Escrevendo *O plano quinquenal* em 1930, portanto, cinco anos depois de publicar aquele documento em que discorria abrangentemente sobre o mercado mundial e suas funções no desenvolvimento soviético (*Hacia el capitalismo o hacia el socialismo?*), quando o capitalismo consolidava sua recuperação pós primeira guerra, Trotsky reafirmava suas convicções:

*"(...) uma estabilização, embora pouco durável, do capitalismo de após-guerra (...) conduzirá, inevitavelmente, ao reaparecimento dos ciclos comerciais-industriais perturbados pela guerra, e seremos obrigados a construir nossos planos, não sobre a base da pretensa independência da conjuntura mundial, mas sobre a adaptação inteligente a essa conjuntura, isto é, de maneira a alcançar o maior surto econômico possível e perder o menos possível com a crise. (...) Quanto maior sucesso tiver o desenvolvimento futuro da economia soviética, tanto mais deverão se ampliar as relações econômicas com o exterior. O teorema contrário é ainda mais importante: é só pela extensão cada vez maior da exportação e importação que a economia poderá dominar a tempo as crises parciais, diminuir as desproporções parciais, nivelar o equilíbrio dinâmico dos diversos ramos e, desse modo, assegurar ritmos acelerados de desenvolvimento. (...)".*¹⁴⁵

Ainda a respeito da importância do mercado mundial, impõe-se chamar a atenção para um aspecto da versatilidade implícita a essa variável como fator positivo para o desenvolvimento. Ela não decorre dos fluxos econômicos em si, mas da posição qualitativa da produção soviética perante a economia internacional. O engatamento da economia interna ao mercado mundial cria condições para a avaliação sistemática da produção nacional e, por isso, para a adoção de decisões que levariam à atitudes facilitadoras da formação da indústria estatal ou do parque industrial soviético de acordo com as proporções julgadas adequadas. Trotsky destaca alguns aspectos da atividade econômica para os quais a utilização dos coeficientes de comparação seriam importantes:

"(...) a política comercial e de concessões não pode desempenhar seu papel estimulante conforme o Plano, mas, sim, numa situação na qual se apoiem no sistema profundamente estudado e generalizado dos coeficientes de comparação da

¹⁴⁴ TROTSKY, 1928, op. cit., pp. 114-117.

¹⁴⁵ TROTSKY Leon. *O plano quinquenal*. São Paulo, Editora Unitas, 1931, pp. 109-110.

a situarem-se subordinadamente aos centros capitalistas, perpetuando um determinado grau de atraso relativo. A *especialização* implícita à teoria originária de Ricardo não tem outro significado que não aquele relacionado à atuação distributiva da lei do valor.

Tendo a URSS a vantagem de desfrutar do princípio da propriedade coletiva dos meios de produção, do monopólio do comércio externo e da utilização da planificação econômica, deveria buscar seu desenvolvimento socialista de forma harmônica, quer dizer, procurando eliminar a desigualdade combinada tanto interna quanto entre sua economia e o mercado internacional. Do que foi visto até aqui, deve ser ressaltado que para Trotsky, apesar da integração da URSS ao mercado mundial, a lei do valor atuaria para ela sem que ocorresse subordinação absoluta.

Ao mesmo tempo é possível afirmar que, dadas certas condições internas, como, sobretudo, a recuperação econômica depois do fim do Comunismo de Guerra, os fluxos internacionais de mercadorias entre a economia soviética e o resto do mundo, até certa medida, *ceteris paribus*, dependeria dos resultados mostrados pelos coeficientes de comparação. E, neste sentido, à medida que estes coeficientes evoluíssem, a demanda soviética por produtos estrangeiros deveria cair. No entanto, essa queda é relativa e está limitada à formação de um aparelho industrial sistêmico que seja identificado com o estabelecimento das condições para a reprodução socialista ampliada. Mesmo porque, em não ocorrendo a revolução à escala mundial, a URSS não poderia livrar-se definitivamente da participação no *modus operandis* da lei do valor.

3.3 O MODELO HARMÔNICO DE BUKHARIN: AGRICULTURA, ESPONTANEISMO E MERCADO INTERNO

Entre os personagens aqui estudados, sem dúvida, Bukharin foi aquele que teve suas idéias mais profundamente modificadas quando ficaram cristalizadas as condições para o abandono dos mecanismos que caracterizavam o comunismo de guerra e a passagem para uma economia "mista". Ainda em 1920, como pode ser visto em seu *A teoria econômica do período de transição*, Bukharin estava tão convencido da validade do comunismo de guerra que fez publicar este longo livro no qual apresenta uma sofisticada teorização de um sistema econômico traduzindo aquelas características.

Sua postura, então, como já foi aqui salientado, refletia uma continuidade da oposição à concepção da passagem ao socialismo por intermédio de mecanismos transicionais reunindo socialismo e capitalismo. É uma posição guarnecida por um "monismo" teórico que via essa transição restrita à passagem direta, sem intermediação, da Rússia pré-revolucionária para a Rússia da ditadura do proletariado. O ato da tomada do poder pelos bolcheviques e a conseqüente expropriação dos antigos proprietários esgotava a transição do capitalismo ao socialismo na ótica Bukharinista, configurando o que na sugestão de Day seria a fórmula do "salto" não-dialético, a passagem para uma economia totalmente estatuada:

*"(...) neste marco, e sobre esta base, as tarefas, com as quais se defronta o proletariado, são, em definitivo, formais, isto é, independentes do conteúdo **social** do processo, as mesmas que se apresentam à burguesia na reprodução negativa ampliada: a economia de todos os recursos, sua utilização planejada, o máximo possível de centralização. O esgotamento produzido por causa da guerra e da interrupção do processo de produção, no período de decomposição, **exige** diretamente, do ângulo da técnica organizativa social, a passagem a relações de produção socialistas. Basta somente colocar em geral o problema de como é possível um sistema de equilíbrio ao menos relativo, ou melhor, como é possível **criar as condições do movimento em direção a tal equilíbrio**, para visualizar a necessidade absoluta de uma economia centralizada e formalmente socializada. (...)*

*O processo de trabalho não pode continuar com a dominação da burguesia. Com a dominação do proletariado, a grande produção não pode deixar de ser expropriada e nacionalizada. Finalmente, o esgotamento econômico impele ainda mais em direção a métodos de racionalização de processo socioeconômico. O conjunto destas condições exige uma e somente uma solução do problema: a transformação do capitalismo em socialismo através da ditadura da classe operária. (...) Esta tarefa só pode se realizar mediante métodos específicos: os métodos do trabalho **organizado**. Porém estes métodos já foram preparados pelo desenvolvimento capitalista. (...)"¹⁴⁷*

Ainda mais, têm-se essa sensação se for observado que Bukharin elaborou esta concepção tendo como contraponto a rejeição da fórmula do "capitalismo de Estado" de Lenin, no período 1915-1920. Particularmente, em 1919, nas discussões internas visando a modificação do programa partidário, Bukharin rejeitara aquela formulação de Lenin referindo-se aos principais países capitalistas, os quais, segundo sua compreensão do *imperialismo*, teriam atingido tão elevado grau de monopolização que, a nível interno, a concorrência praticamente teria desaparecido.¹⁴⁸ Assim, o capitalismo de Estado deveria ser entendida como uma categoria que espelhava a organização do capitalismo naquela época e, portanto, incompatível como forma organizativa para o socialismo como propunha Lenin.

Por analogia, Bukharin acreditava, ou teorizava, para ser mais preciso, que o "socialismo" encontrava-se presente na formação social russa de forma tão unitária quanto as formações burguesas num país capitalista desenvolvido daquela época. Certamente contribui para esta conclusão o viés metodológico empregado por Bukharin. Este tinha sempre por hábito apresentar suas contribuições por intermédio de um escopo teórico com elevado grau de abstração, em que, por conseqüência, as variáveis, muitas vezes, eram incorporadas, antes de tudo, com a preocupação do estabelecimento de uma ordem lógica. Ao negar as formas transicionais mistas no desenvolvimento socialista Bukharin privilegiava a forma sem apreciar com maior rigor o conteúdo da realidade russa.

Todavia, no ano seguinte, 1921, quando a NEP começava a tornar-se realidade, Bukharin mudaria radicalmente sua posição passando a defender em seus escritos, daí para a frente, invariavelmente, uma organização econômica para a URSS associando mercado e socialismo. Passara a reconhecer enfaticamente a necessidade de uma construção econômica sinônima do capitalismo como pré-requisito para o levantamento do socialismo, mantendo, ao mesmo tempo, a

¹⁴⁷ BUKHARIN, 1990. op. cit., pp. 119-120. Grifos no original.

¹⁴⁸ BUKHARIN, N. I. *A economia mundial e o imperialismo*. São Paulo, Nova Cultural, 1986.

cobertura do poder proletário. Mas, de acordo com o método de trabalho aqui utilizado, Bukharin passa a refletir a respeito do desenvolvimento soviético rejeitando os contornos da fórmula econômica exigida pela teoria da revolução permanente, e agindo muito mais em consonância com a "teoria do socialismo num só país" que desenvolveria em co-autoria com Stalin entre 1923 e 1925.

A necessidade de rejeição da dialética econômica da transição inerente à teoria formulada por Trotsky, explicitamente reconhecida por Bukharin, como se sabe, acabou se impondo em face das circunstâncias concretas do predomínio e consolidação da burocracia. Contudo, Bukharin tornar-se-ia bastante profícuo na apresentação de propostas reconhecendo a necessidade formal da transição ao socialismo mediante mecanismos econômicos "mistos" sob a condução da ditadura do proletariado. Convém advertir, entretanto, que essa afirmação é aqui mantida em que pese sua agressiva rejeição da teoria da revolução permanente, fato que emergiu da renhida disputa pelo poder da qual participou durante quase toda a década de 20.

A composição do modelo de Bukharin pode ser extraída de alguns de seus textos publicados entre 1921 e 1927. Assim, arrolamos: *The new course in economy policy* (1921), *Toward a critique of the economic platform of the opposition (The lessons of october 1923)*(1925), *The road to socialism and the worker-peasant alliance* (1925), *A Nova Política Econômica e as nossas tarefas* (1925), e *A questão das contradições entre cidade e campo* (1927).¹⁴⁹ São documentos importantes que certamente serviram de apoio ao destacado dirigente e teórico que ocupou a posição de principal formulador da política econômica praticada pelo Estado soviético entre 1924 e 1928.

Sua nova caracterização a respeito das conseqüências econômicas do Comunismo de Guerra, elaborada no texto de 1921, levou-o a concluir que se apresentara um óbvio conflito entre a política adotada pelos bolcheviques e aquela decorrente das necessidades implícitas ao desenvolvimento do agricultor individual. O desenvolvimento agrícola passara a ser um objetivo inadiável e inquestionável centro dos contornos de uma inevitável agricultura camponesa. E, nesse sentido, a alternativa utilizada no Comunismo de Guerra se apresentava como uma contradição objetiva uma vez que a emergência da guerra tinha sido superada.

¹⁴⁹ Com excessão do último texto, todos os demais podem ser encontrados em BUKHARIN, 1982, op. cit. Também, excluindo os dois primeiros textos, todos os demais podem ser vistos em BUKHARIN, 1990, op. cit.

Segundo a conclusão de Bukharin, durante o conflito militar representado pela guerra civil, se estebelecera, não uma aliança de classes, mas sim, um equilíbrio entre as mesmas. Assim teria acontecido porque não se apoiara num processo econômico "normal". Teria ocorrido, na realidade, uma espécie de acordo em que as duas partes onde proletariado e campesinato se socorreram mutuamente. Os camponeses fornecendo alimentos aos proletários criaram as condições para a manutenção do poder necessário à garantia da posse da terra, antes pertencente aos grandes latifundiários, em mãos camponesas. Uma vez concluída a guerra, a contradição entre as duas classes emergiria indicando a urgência do estabelecimento de uma aliança estável. E esta aliança só poderia ser realizada com o crescimento da economia pequeno-burguesa, a única alternativa que levaria a uma expansão das forças produtivas.¹⁵⁰

Embora tenha chegado a tal conclusão, como não seria diferente, Bukharin não foge à regra dos demais autores aqui destacados, que estabelecem a industrialização como a mais perfeita tradução do conceito de socialismo. Ele afirma enfaticamente nesta publicação de 1921 que, embora o crescimento das forças produtivas tivesse que ser respaldado na expansão da economia pequeno-burguesa, o objetivo final era representado pela implantação da grande indústria: "*(...) em toda e qualquer circunstância, qualquer que seja o curso adotado na política econômica para a construção do comunismo, a preocupação básica deve ser os interesses da **grande indústria**. A grande indústria é o ponto de partida de todo desenvolvimento **tecnológico**; ela é a base das relações **econômicas** que prevalecem numa sociedade comunista; ela é o suporte do proletariado industrial, como a força **social** que surge da revolução comunista. O objetivo básico de qualquer política econômica relativa ao desenvolvimento das forças produtivas, conseqüentemente, deve ser a **expansão da grande indústria**. (...)*".¹⁵¹

Apresenta-se assim o desenvolvimento da grande indústria como resultado a ser perseguido. Conquanto este fosse definido dessa maneira, transitoriamente, e no momento imediato, a lei suprema da economia deveria ser o crescimento do volume de produtos. Assim deveria ser porque este objetivo representado pela reativação da produção condicionaria a preservação, fortalecimento e desenvolvimento das formas econômicas da grande indústria mecanizada e socializada, quer dizer, estatal. Para tanto, contraditoriamente, o proletariado deveria lançar mão de atividades econômicas não proletárias, vale dizer, pequeno-burguesas e burguesas propriamente ditas. Sobressai nesta explicação de Bukharin a contradição representada pelo conflito entre diferentes tipos de economia,

¹⁵⁰ BUKHARIN, N. I. *The new course in economy policy*, in BUKHARIN, 1982, op. cit., pp. 100-101.

¹⁵¹ Idem, p. 102. Grifos no original.

composição que constituía o âmago da formulação estratégica construída pelo proletariado no campo econômico e que deveria ser completada no curso de muitos anos.

Bukharin sugere que essa estratégia mista, formando um quadro de tipologia econômica diversificada, é formada pela conjunção, pelo menos por um determinado período em que o crescimento da produção é o objetivo básico, das seguintes fontes: **economia camponesa e pequena indústria**: individual e pequeno burguesa, impõe-se como condição para o crescimento da grande indústria, embora sua expansão resulte no alargamento das relações burguesas; **arrendamentos**: significam unidades produtivas oferecidas a capitalistas e cooperativas de trabalhadores. Em se tratando dos primeiros, representariam capitalistas não especuladores dispostos a organizarem a produção. Os valores daí recebidos pelo Estado constituiriam um fundo para o financiamento da grande indústria; **concessões**: embora tenham a mesma forma dos arrendamentos, representariam a entrega de unidades produtivas a capitalistas que importariam parte do capital fixo; **comércio exterior**: parcialmente também se ligaria às concessões que seriam pagas mediante a compra de produtos no exterior.

Conformada tal estratégia, o processo em direção ao socialismo passaria pelo gradual desaparecimento da economia privada, de um lado, e, de outro, requereria a ligação subordinada do pequeno produtor à grande indústria. O principal agente econômico a ser conquistado para o socialismo é o pequeno produtor, mas essa conquista não seria compulsória devendo acontecer por intermédio de benefícios econômicos, sobretudo aqueles representados pela formação de um suprimento industrial satisfatório às necessidades na economia camponesa.

Uma vez previsto esse procedimento econômico que decorria, como se depreende, das características histórico-sociais da Rússia soviética e da situação de penúria que a mesma enfrentava, constatada a recuperação econômica dos países capitalistas da Europa ocidental, se apresentava urgentemente a tarefa de recuperação acelerada da economia soviética. A recuperação deveria ser traduzida em termos de altas taxas de crescimento, principalmente aquelas relativas à indústria estatal, já que a mesma é eleita por Bukharin como o alicerce do socialismo em ascensão. Mesmo que se reconheça que, anos mais tarde, como pode ser visto nos textos a partir de 1925, alegando mudanças conjunturais, Bukharin ameniza a ênfase quanto ao ritmo do crescimento industrial, ao fim e ao cabo, em seu projeto, a industrialização continua sendo sinônimo principal da construção socialista.

Diante de tais metas, Bukharin justifica a importância daquele elemento operacional que se considera como o mais significativo no seu modelo de desenvolvimento socialista, qual seja, a função determinante da **circulação mercantil**. Evidentemente, seria completamente sem significado não admiti-la no contexto de um atividade econômica em que estão presentes a livre iniciativa e a trocas de mercadorias; ela é uma decorrência natural da presença dos métodos mercantis como formas de organização econômica. Além disso, por outro lado, a circulação não é estranha ao espaço econômico exclusivamente socialista; obviamente ela se fará presente aí, todavia, com uma qualidade totalmente diferente daquela verificada no universo mercantil.

De sorte que, para Bukharin, a transição ao socialismo deve ser compreendida como uma atividade econômica, principalmente, governada pela ação determinante da circulação mercantil. Esta deve cumprir o papel fundamental de impulsionadora e organizadora da produção, adquirindo uma função que, ao interior da economia mista, supera em muito aquelas previstas para as forças econômicas socialistas que emanam da propriedade social e do poder político do proletariado:

*"(...) partindo dessa colocação do problema, devemos, antes de tudo, chegar à seguinte conclusão: para nós, é importante **acelerar agora, por todos os meios, a velocidade da circulação econômica**. Isto deve ser entendido como o objetivo fundamental, o problema central da política econômica, a ser salientado mais do que qualquer outro problema. (...) Sabemos já que não podemos esperar grande coisa do capital estrangeiro. Por conseguinte, a velocidade da **nossa** circulação econômica e da circulação do **nosso** capital possuem uma função determinante. Se acelerarmos a dinâmica das forças produtivas em toda nossa economia, se acelerarmos a circulação do capital, obteremos uma taxa de acumulação muito mais alta, um desenvolvimento econômico muito maior. (...)"*¹⁵²

Bukharin concebe a organização econômica considerando o recurso àquelas formas que poderiam ser utilizadas imediatamente para a recomposição do produto interno em níveis minimamente aceitáveis. Nesse sentido, para o curto prazo, não difere daqueles que concordavam com a adoção da NEP. Também para ele, com a extinção do Comunismo de Guerra, aqueles fatores econômicos que estavam em condições de revitalização imediata estavam situados quase que majoritariamente

¹⁵² BUKHARIN, N. I. *A Nova Política Econômica e as nossas tarefas*. In BUKHARIN, 1990, Op. cit., p. 133. Grifos no original.

no campo. Para Bukharin impunha-se por conta desta conformação sócio-histórica a possibilidade de implantação de uma conexão entre cidade e campo e o fortalecimento mútuo dos dois lados. Ao mesmo tempo, como já foi salientado, significaria o restabelecimento da "aliança" entre operários e camponeses, agora sobre outras bases.

Portanto, em decorrência do caráter das formas econômicas mais disponíveis para a recuperação econômica, o comércio transforma-se na base sobre a qual a NEP se assenta. Consoante com essa idéia, o comércio vem em primeiro lugar implicando para Bukharin na caracterização do movimento econômico como a passagem da circulação econômica "fechada" (Comunismo de Guerra) para a circulação econômica "aberta" (NEP).

É importante ressaltar agora que a circulação econômica "aberta" assume na concepção de Bukharin a importância de pré-condição para que a passagem ao socialismo pudesse ser encaminhada. Uma vez concretizada semelhante situação, a qual poderia ser admitida como a própria NEP, o proletariado e seu Partido teriam à sua disposição as "alavancas" que permitiram-no, por diversos caminhos, gradualmente, consolidar cada vez mais seu poder econômico, integrando as unidades econômicas atrasadas, sobretudo, por intermédio do mercado. A representação social desse processo espelharia a luta econômica por meio da qual os opositores do socialismo seriam eliminados. Dessa forma apresentar-se-ia a luta de classes na URSS.¹⁵³

Por sua vez, a obtenção das alavancas de comando não significaria o encerramento da principalidade do mercado como fator dirigente da organização econômica. A integração dos agentes e unidades não socialistas ao escopo da economia estatal por intermédio do mercado tem o significado de uma "evolução" para o socialismo na qual o conflito entre os elementos econômicos opostos deve ser neutralizado ao máximo. Neste sentido, Bukharin procurará demonstrar que o prevalecimento do meio socialista deverá ser feito por meio de uma "metamorfose" da lei do valor em lei da acumulação socialista. Logo, rejeita o procedimento visando o socialismo por meio de um processo que destaque a luta entre os dois lados e em cujo interior está a "extinção" da lei do valor:

"(...) Bukharin aborda a questão de Preobrazhensky sobre a validade da lei da acumulação socialista primitiva e sua proposição de que duas leis contraditórias operavam na mesma economia. Bukharin argumentou que a eliminação gradual da lei do valor deveria ser acompanhada pela sua transformação numa lei objetiva

¹⁵³ Idem, pp. 137-138.

*de consumo proporcional de trabalho. A lei do valor e a lei do consumo proporcional de trabalho eram, de acordo com Bukharin, duas formas especificamente históricas de uma lei básica comum a todas as sociedades, de acordo com a qual o trabalho deveria ser distribuído em proporções definidas em todas as sociedades. (...)"*¹⁵⁴

A interpretação que pode ser feita a este respeito vincula-se à conclusão a que chegou Bukharin de que a União Soviética teria que se industrializar através de seus próprios meios, por intermédio de recursos internos. Assim, o mercado interno ganha uma conotação bastante acentuada. Sua expansão aparece como um pressuposto no modelo de Bukharin. Nele os setores urbano e rural deveriam constituir um "organismo único", já que a NEP eliminara os problemas que dificultavam a vinculação dos dois setores ao criar uma *smychka* econômica entre a indústria estatal socialista e os milhões de pessoas que giravam em torno da economia camponesa. A *smychka* era representada pelo **comércio** e funcionava como um elo de ligação entre a cidade e o campo.¹⁵⁵

Implícito a este ponto de vista estava uma rota prevista por Bukharin cujo desfecho seria a transformação da agricultura russa, deixando de ser uma economia "natural" de consumo e passando a ser uma economia produtora de bens de consumo, estes assumindo a condição de mercadorias amplamente comercializáveis. Tratava-se, então, em consonância com a meta de ampliação do mercado interno, de impulsionar a economia camponesa a superar sua identidade pré-capitalista e assumir a cultura da acumulação burguesa. E, ao final, esta acumulação se reverteria em aumento da demanda rural por produtos industriais.

A consolidação da acumulação na atividade agrícola segundo essas condições - ou o ato da transformação em realidade da pré-condição do modelo bukharinista representada pela ampliação praticamente ilimitada do mercado interno - exige, então, o levantamento de qualquer impedimento à atividade do camponês independente, qualquer que seja ele, mas, sobretudo, o mais abastado, pois, naturalmente, era este que assumia mais integralmente o "espírito" da acumulação capitalista. As restrições representadas pela impossibilidade de ampliação da área cultivada e proibição de contratação de mão-de obra assalariada deveriam ser abolidas em que pese a manutenção formal dos métodos que impediam o reforçamento do *kulak*.

¹⁵⁴ SALTER, John. *On the interpretation of Bukharin's economic ideas*. In "Soviet Studies", vol. 44, No. 4, 1992, p. 566.

¹⁵⁵ COHEN, Stephen, F. *Bukharin - uma biografia política*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1990, pp. 201 e 203.

A defesa da ampliação da circulação como processo que deveria conduzir à expansão do mercado interno e, por conseguinte, ao crescimento da indústria, é reforçada por uma nova leitura de dois textos de Lenin, a saber, *O imposto em espécie* e *Da cooperação*. A releitura efetuada por Bukharin versa sobre a importância da cooperação para o desenvolvimento socialista e seu papel no sentido de neutralizar o espontaneísmo pequeno-bruguês.

De acordo com Bukharin, n' *O imposto em espécie*, Lenin apontara a necessidade de uma aliança entre o Estado proletário e o capitalismo de Estado na tentativa de superar os efeitos negativos para o socialismo proveniente da atomização e dispersão pequeno-burguesa, uma vez que se tornara necessário permitir a esta a utilização dos métodos da acumulação privada. Assim sendo, se o Estado operário tomasse a iniciativa de impulsionar procedimentos cooperativos junto à pequena burguesia, enquanto eles fossem vantajosos para ela, adquiririam a forma de uma soldadura entre esta e o grande capital ao capitalismo de Estado, cujo desenvolvimento, para Lenin, coincidia com o fortalecimento do próprio socialismo.

Não obstante, Bukharin avalia que no segundo texto, *Da cooperação*, Lenin queria afirmar que as empresas cooperativas, por possuírem o status de empresas socialistas, porque operavam a terra pertencente ao Estado operário, deveriam agora participar de um bloco com conteúdo oposto. Isto é, as cooperativas juntamente com o Estado proletário formariam um bloco contra o grande capital e os resíduos de capitalismo privado que ainda existiam no país. Bukharin estimava que Lenin chegara a esta conclusão porque, por ocasião da elaboração deste texto, em maio de 1923, a situação econômica apresentava-se substancialmente diferente daquela em que escrevera *O imposto em espécie* (abril de 1921).

Na nova situação as alavancas econômicas estavam desenvolvidas o suficiente para que o Estado permitisse a ampliação da circulação sem maiores riscos. Estas alavancas eram representadas pelos meios de transporte, indústria, bancos e sistema financeiro. Teria havido um deslocamento de forças em favor do Estado operário. E sendo assim, com a indústria revitalizada e próspera, a política praticada até então deveria ser modificada: "(...) *menos restrições e mais liberdade de circulação, porque esta liberdade é menos perigosa. Menos ação administrativa, mais luta econômica, maior desenvolvimento da circulação econômica. Luta-se contra o comerciante privado não para derrubá-lo e obrigá-lo a fechar seu negócio, mas para que nos esforcemos a produzir mais produtos de melhor qualidade e de preço mais barato. Se nos fortalecermos, se se concentrar, em nossas mãos, um efetivo poder econômico, se tivermos alavancas e instrumentos econômicos*

*realmente eficazes, a expansão da circulação econômica não deverá ser motivo de temor. Também nós avançaremos.*¹⁵⁶

É possível afirmar, então, que o programa de Bukharin privilegiava mais acentuadamente a ação espontânea das forças do mercado do que aquelas forças que permitiriam uma condução mais dirigida, ou menos espontânea, da economia para seu desenvolvimento socialista. O destaque para um espaço maior para as trocas aponta para uma fórmula segundo a qual a organização econômica partiria da circulação para a produção. É evidente a preocupação de Bukharin com uma industrialização que deveria surgir forjada pela demanda e não a partir de uma orientação planejada. Por exemplo, entre as fontes de financiamento para a industrialização, Bukharin incluía numa posição destacada as poupanças pessoais de kulaks e pequenos camponeses, que deveriam acontecer espontaneamente. Além disso, a industrialização, por ser consequência do mecanismo descrito, seria instalada lentamente, a "passo de lesma", com prioridade para a indústria leve, naturalmente em face das exigências da demanda do mercado.

Dessa maneira, o planejamento seria instalado tendo o mercado camponês como seu mediador, surgindo, portanto, espontaneamente à medida que o setor socialista continuasse se fortalecendo e absorvesse gradualmente as unidades econômicas atrasadas.

Entre todos os autores aqui analisados, Bukharin é aquele, juntamente com Preobrashensky, mais conhecido por estudar as estruturas e a organização socio-econômicas concretas a partir de uma concepção teórica com elevado grau de abstração. Essa característica, todavia, resulta numa tendência a englobar os distintos elementos da concretude numa posição homogeneadora, de perfil reducionista, o que conduz a uma leitura neutralizadora dos antagonismos.

isto ficara bem claro nos textos que antecederam sua revisão interpretativa acerca da caracterização da sociedade russa após a implantação da NEP, em

¹⁵⁶ *Idem*, p. 142.

particular n'A *teoria econômica do período de transição*. Foi visto aqui, contudo, que ao adotar sua nova opinião sobre a economia soviética, Bukharin passa a interpretá-la projetando a economia "mista" como pressuposto no seu modelo de desenvolvimento econômico para a URSS.

Enquanto pressuposto, é possível afirmar que essa condição coincide com aquelas externadas por Lenin e Trotsky quando da elaboração de seus respectivos projetos econômicos para a União Soviética. Mas, se a mesma pode ser identificada como um ponto de partida; o desdobramento do projeto bukharinista expressa uma excessiva preocupação com uma convergência "harmônica" entre suas variáveis. A procura de harmonia, neste caso, revela mais uma vez a influência do método centrado em elaborações lógico-abstratas, onde as variáveis guardam perfeita identidade entre si. Quer dizer, a partir de 1921 Bukharin passa a adotar como ponto de partida um esquema interpretativo completamente diferente, mas insiste na elaboração de um sistema completo e harmônico como conclusão de sua análise.

De acordo com Gerratana, "(...) *Lenin tinha insistido (...) na coexistência contraditória, no regime de transição soviético, de elementos e formas diferentes. Bukharin, em sua nova interpretação, aceita agora a tese da coexistência de elementos diferentes, mas elimina seu caráter contraditório. Grande indústria nacionalizada e pequena produção mercantil no campo, planificação socialista e livre comércio, não só coexistem pacificamente, mas se mantêm e se fecundam reciprocamente. (...)*".¹⁵⁷

Elementos econômicos de origem histórica diferenciada, que, uma vez colocados lado a lado, constituem um quadro objetivamente contraditório, podem coexistir sem contradição na avaliação de Bukharin. Na vida econômica prática, em nome de um desejo de integração sem arestas, conforma-se um hibridismo ideal. A presença dos elementos diferenciados, que dão justificativa em outros projetos à constituição da economia "mista" como organização impulsionadora do desenvolvimento, em Bukharin tem muito mais o significado de comporem a economia "mista" como existência pré-socialista que deve ser evitada.

Consequentemente, é feito um processo de avaliação da importância, ou do papel, das relações sociais de produção segundo suas diferentes qualificações de tal forma que se conforma um novo sistema onde a harmonia é estabelecida por intermédio de uma leitura hiper-pragmática das contradições reais. Como resultante modelo de desenvolvimento econômico socialista ter-se-á, em termos práticos, a

¹⁵⁷ GERRATANA, 1987, op. cit., p. 50.

adoção de medidas que refletem a compreensão do período de transição como uma fase de "adiamento" da implantação dos elementos autenticamente socialistas da economia.

Esse "realismo", que ao mesmo tempo confunde-se com um critério de julgamento baseado num fundamento ético, poderia representar o processo de tomada de decisão inspirado num "princípio" de "bom senso". Denota, por isso, a opção, pode-se dizer, pelo desenvolvimento dos elementos capitalistas enquanto uma "etapa" histórica que deveria ser cumprida, ou concluída. Evidentemente, seria o caminho menos difícil a ser percorrido. Por já se fazerem presentes como memória no que respeita à ação econômica, estes elementos deveriam ser estimulados sem muitas restrições pelo Estado operário, pois seria esta a única via de acesso ao socialismo.

Então, embora o pressuposto para a construção socialista fosse a economia mista, a elaboração completa do modelo de Bukharin implica a convergência para o prevailecimento dos métodos mercantis-capitalistas. Em vista disso, a intervenção estatal que se sobressairia sobre estes elementos ficava restrita à orientação no sentido de materializá-los e desenvolvê-los enquanto fatores estritamente mercantis. Conduzir os seus efeitos para a construção socialista deveria ser entendida como incompatível com a "qualidade" das relações econômicas verificadas como determinantes na URSS:

*"(...) a capacidade de compra dos camponeses é determinada, antes de tudo, pelas condições da agricultura camponesa, pelo seu nível, pelo desenvolvimento das forças produtivas deste setor. A capacidade de compra de bens de consumo deve ampliar-se na medida em que se amplia também a demanda **produtiva**, ou seja, na medida em que os camponeses melhoram e desenvolvem seus estabelecimentos, introduzindo, em quantidade sempre maior, instrumentos mais aperfeiçoados, elevando o nível técnico, melhorando os métodos de trabalho, etc. Por conseguinte, resulta perfeitamente clara a necessidade de um processo de **acumulação** na economia camponesa, a fim de que nem tudo seja desperdiçado, mas uma parte dos recursos se destine à aquisição de instrumentos agrícolas, etc.*

*"(...) Existem ainda determinados resíduos das relações da fase do comunismo de guerra que obstaculizam a continuação do nosso desenvolvimento. Daí porque as camadas abastadas dos camponeses e mesmo as camadas de camponeses médios, que tendem a se tornar abastadas, **tem medo de acumular**. (...) Disto resulta que o camponês rico está descontente, porque o impedimos de acumular, de contratar força de trabalho. (...) Um excessivo temor do trabalho assalariado, da acumulação, das camadas*

camponesas capitalistas, pode conduzir-nos a uma estratégia errônea no campo. (...) A luta contra o Kulak deve ser conduzida com outros métodos, por outro caminho.

(...) A todos os camponeses em conjunto, a todas as camadas de camponeses, é preciso dizer: enriquecei, acumulai, desenvolvei as vossas empresas. (...).¹⁵⁸

A direção econômica consciente do mercado deveria ceder espaço ao espontaneísmo característico dos métodos mercantis como norma quase exclusiva da acumulação. Esta seria reconhecida como possuindo inevitavelmente um caráter extensivamente capitalista, que se separa e antecede no tempo aquela que se caracterizaria como efetivamente socialista. Esta fase que precede o socialismo poderia ser interpretada como uma acumulação "primitiva" em que o capitalismo vigiria em quase toda sua totalidade, pois a seus agentes econômicos, salvo poucas exceções, seria concedida a liberdade de movimento sem a mediação do elemento socialista. Quanto a este, sua atuação está reservada para um momento posterior do tempo, para quando fosse possível adquirir o status de uma nova fase. Uma das poucas antecipações socialistas conjugadamente à fase capitalista relaciona-se ao poder político, que continuaria exercido pela classe operária, no modelo de Bukharin contraditoriamente mantido na forma da ditadura do proletariado.

Poderia-se objetar que, todavia, essa análise carece de fundamento. À medida que Bukharin insiste na manutenção da indústria nas mãos do Estado a hipótese do predomínio econômico capitalista estaria abortada. No entanto, é possível argumentar perfeitamente que se trata apenas de um formalismo do modelo bukharinista, já que as leis de desenvolvimento do capitalismo são igualadas por ele às leis de desenvolvimento do socialismo. Basta lembrar que neste modelo, a indústria é organizada ao sabor do movimento do mercado agrícola sem que exista um substantivo dispositivo orientador de sua implantação de acordo com uma necessária proporcionalidade assentada em fundamentos socialistas. Não são poucas as vezes que Bukharin insiste na necessidade do estabelecimento de equilíbrio e proporcionalidade na economia soviética, mas, a bem da verdade, desde que sua implantação fosse dirigida pelo mercado.¹⁵⁹

Ao rever sua posição anterior a 1921, Bukharin praticamente conclui pelo oposto ao estabelecer as bases de seu novo posicionamento com relação ao desenvolvimento econômico:

¹⁵⁸ BUKHARIN, N. I. *A Nova Política Econômica e as nossas tarefas*. In BUKHARIN, 1990, op. cit., pp. 143-145. Grifos no original.

¹⁵⁹ SALTER, 1992, op. cit., pp. 563-565.

"(...) no montão de absurdos e tolices que os críticos burgueses disseram acerca da ditadura do proletariado na Rússia, existem também afirmações que não são estúpidas, mas relativamente justas. Um dos mais inteligentes críticos do comunismo, o professor austríaco Mises, escreveu, em 1921-1922, um livro sobre o socialismo, no qual desenvolveu uma série de considerações. Estamos de acordo - declarou - com os socialistas marxistas a respeito do fato de que é preciso abandonar todo absurdo romântico e considerar que o melhor sistema econômico é o que melhor desenvolve as forças produtivas. O que se dá é que o chamado socialismo "destrutivo" dos comunistas não conduz ao desenvolvimento das forças produtivas, mas à sua queda. Isto acontece porque os comunistas esquecem a enorme importância do incentivo individual privado, da iniciativa privada. O capitalismo tem defeitos, é verdade. Todavia, a concorrência capitalista leva ao desenvolvimento das forças produtivas, impelidas para a frente pelo desenvolvimento capitalista. Em consequência do aumento das forças produtivas da sociedade, também a classe operária recebe uma quota parte maior da renda. Na medida em que os comunistas querem organizar a produção através de ordens, coercitivamente, a sua política está destinada a um fracasso inelutável. (...)"¹⁶⁰

Como na maioria das vezes faltava a Bukharin um aporte dialético, ao interpretar tais palavras de um economista burguês não relacionando-as com o contexto sócio-histórico correto, a concordância com Mises pode ser equiparada ao fato de que este, ao apontar a importância do capitalismo para o desenvolvimento das forças produtivas, o condiciona ao modo de produção burguês, questão da qual Bukharin não se dá conta:

"(...)com a passagem à NEP, refutamos na prática a argumentação burguesa anti-socialista acima mencionada. Por que? Porque o significado da NEP consiste na utilização da iniciativa econômica dos camponeses, dos pequenos produtores e também dos burgueses, assim tolerando a acumulação privada. Com isto, nós os colocamos objetivamente, em certo sentido, a serviço da indústria estatal socialista e de toda a economia socialista. Ao desenvolver o comércio, permitimos a manifestação da iniciativa dos pequenos produtores privados, estimulamos a ampliação da produção. pusemos ao serviço do socialismo os estímulos individuais das camadas atrasadas dos trabalhadores, não motivados pelas idéias socialistas. Ao introduzir o velho sistema de retribuição. a empreitada, etc., obrigamos todos a trabalhar de maneira que, partindo dos seus interesses **privados**, contribuam, enquanto proietários, para o desenvolvimento geral da produção. (...)"¹⁶¹

¹⁶⁰ BUKHARIN, *A Nova Política Econômica e nossas tarefas*, 1990, op. cit., pp. 136-137.

¹⁶¹ Idem, p. 137. Grifo no original.

O desenvolvimento de um período "capitalista" em simultaneidade com a construção da economia socialista é transmutado em uma etapa capitalista isolada, preliminar, que antecede ao próprio socialismo. Daí a opção por fórmulas que colocam a circulação mercantil como o centro de gravidade da economia e, por decorrência disso, a opção primordial pela ampliação do mercado interno. Se o mercado deve ser ampliado com a conotação de elemento orientador da organização econômica, então, deve ser depreendido que a economia camponesa passa a ocupar o lugar de principal objetivo econômico.

É isso que permite a identificação do verdadeiro caráter da aliança operário-camponesa em Bukharin. Torna-se, então, inevitável a constatação de que esta espelha, também, um conteúdo "idealista" de um processo que deveria, na verdade, ser encarado de forma eminentemente objetiva. Em contraposição a Bukharin ressalta-se que, desde que o objetivo a ser alcançado é o socialismo, partindo-se de um país capitalista atrasado, as formas pré-capitalistas e capitalistas são aquelas mais aptas a cumprirem o papel de fontes de financiamento a industrialização. Conclui-se, portanto, que a forma desta aliança deve refletir a concretização de uma organização econômica que produza a transferência de excedentes para o setor industrial e estatal, muito embora, acentue-se, essa transferência, em qualidade e quantidade, esteja condicionada aos ritmos e prazos do desenvolvimento socialista.

Bukharin, contudo, perseguindo a harmonia entre as forças sociais presentes na URSS, apresenta a aliança envolta num espírito "humanista". Operários e camponeses estabeleceriam um mecanismo de trocas segundo um conteúdo de solidariedade, onde estaria presente muito mais uma "ética" do que uma orientação econômica baseada na objetividade histórica. Por exemplo, ele afirma corretamente que *"(...) como um vendedor de grãos o camponês está interessado em preços altos; como um comprador de grãos, a classe operária está interessada em preços baixos. Esta é uma genuína contradição que existe na vida real. Mas, nós devemos dizer, antes de tudo, que a classe operária e o campesinato não são a mesma classe. Em parte alguma nós temos que dizer que entre a classe operária e o campesinato não existe diferenças.*

Porém feita esta constatação, chega à seguinte conclusão: *(...) estas diferenças entre a classe trabalhadora e o campesinato existem, mas elas têm um lugar secundário de acordo com os interesses e questões que tem um significado mais fundamental e básico para ambas as classes. (...) De sua parte, o campesinato deve, em virtude de seus próprios interesses básicos, apoiar o proletariado (...) e voluntariamente concordar com a liderança da classe operária,*

porque somente nestas condições a vitória da causa operário-camponesa é possível. (...)"¹⁶²

A colaboração entre as duas principais classes da sociedade soviética é vista por Bukharin num plano "superestrutural" colocado acima das relações econômicas efetivas. A base econômica, a "infraestrutura", apesar de operar mediante uma determinada direção, qual seja, aquela, condicionada pelo mercado, enquanto ideal deveria ter um desenvolvimento inspirado no desejo de concordância e colaboração entre as classes. Ao pretender que o mercado espontaneamente convergiria para um desfecho socialista, põe em evidência o conteúdo idealista implícita à sua formulação. A necessária mediação entre super e infraestrutura mostra, para o caso soviético, na verdade, que o objetivo correto da "colaboração" tem como tradução, no plano econômico, determinadas manifestações orientadoras para a supressão e a substituição de formas econômicas, que só podem ser implementadas em face da constatação do conflito e da não harmonia.

Segundo Bukharin, na ditadura do proletariado as relações entre a classe operária e o campesinato tomam uma forma diferente daquela verificada sob o capitalismo, posto que naquela o elemento da exclusão ocorre numa intensidade muito menor. Ao mesmo tempo, a colaboração entre as duas classes é incomensuravelmente mais elevada com poucos desentendimentos e fricções de classe: "(...) aqui, também, a tendência geral do desenvolvimento (com o sucesso do socialismo) é **sobrepujar** as duas formas econômicas e classes sociais. Mas esta "superação" não significa substituição ou **eliminação**. Aqui, "superação" significa a lenta **reconstrução** da fazenda individual e do tipo social individualista. (...)"¹⁶³

O equívoco de Bukharin, concomitante ao que já foi mencionado acima, manifesta-se ao avaliar que as classes sociais, no contexto da harmonia, "desaparecem" assim que o proletariado toma o poder tendo o campesinato como seu aliado. De acordo com que se criticou, a aliança na ótica bukharinista tem uma conotação muito mais ideológica, ficando num patamar inferior as relações econômicas entre as mesmas. Acontece que, por conta do caráter das relações de produção vigentes sob o capitalismo, sobretudo aquelas denotadas pela propriedade privada, o vínculo entre as classes sociais naquela sociedade acentua o papel da lei do valor como mecanismo estabelecedor de subordinação e, ao mesmo tempo, de exclusão. Os trabalhadores assalariados, em maior medida, e o

¹⁶² BUKHARIN, N. I. *The road to socialism and the worker-peasant alliance*. In BUKHARIN, 1982. op. cit. p. 223. Grifos no original.

¹⁶³ BUKHARIN, N. I. *Toward a critique of the economic platform of the opposition (The lessons of october 1923)*. In BUKHARIN, 1982, op. cit., pp. 113-114.

campesinato, em escala mais reduzida, a depender do grau de evolução das formas capitalistas, estão subordinados ao capital industrial e bancário.

Por outro lado, porém, sob a ditadura do proletariado, constituída num país relativamente atrasado, a organização econômica de cunho transicional reflete uma moldura "mista". Nesta, evidentemente, estão presentes em condições significativas as relações capitalistas, ou, mercantis-capitalistas, se se acentuar a forte presença da economia agrícola de caráter pequeno-burguês. Ora, o desenvolvimento "natural" dessas relações que emanam da livre iniciativa tomam o rumo da acumulação capitalista, por conseguinte, da consolidação do mercado e da cristalização da lei do valor. Mesmo que no plano político a classe operária exerça o poder respaldado na sua ditadura, a gênese da exclusão e da subordinação está presente internamente nesta sociedade, não apenas na forma da "opressão" política do proletariado sobre a pequena e grande burguesias, já que o poder político caracteriza-se enquanto um "monopólio". Também, vinculados aos agentes econômicos que praticam a atividade econômica guarnecidos pelo individualismo econômico, estão em formação aquelas expressões econômicas que, atingido certo grau de desenvolvimento, passam a exigir um aparato político e de força de classe para prosseguirem sua trajetória natural.

Assim, na ditadura do proletariado o conflito de classes não desaparece. Pelo contrário, ele prossegue mesmo que sob outras formas. No caso particular em que o país atrasado não pode abrir mão dos métodos mercantis-capitalistas, onde há a exigência do estabelecimento da "etapa" capitalista, esse conflito ainda expressa a contradição entre capital e trabalho. Mas, em sua nova forma esta contradição espelha a necessidade do objetivo socialista valer-se da atividade econômica privada. Então, a nova contradição é representada pela oposição entre as duas classes que no capitalismo se subordinam à burguesia. Em outras palavras, em termos explicitamente econômicos, pela oposição entre a lei do valor e o princípio da planificação. Trata-se, inevitavelmente, de um conflito, de uma luta, cujo desfecho positivo em favor do socialismo reivindica a subordinação e extinção da lei do valor, e não o contrário.

Orientando-se por meio de seu modelo que prioriza a harmonia, ao longo da década de 20, Bukharin vai cada vez mais acentuando a importância da agricultura como fator dinâmico do desenvolvimento socialista. Esta ênfase exarcebada levou Bukharin a igualar a proposta da acumulação socialista, baseada na "exploração" do campesinato, que aponta para a extinção da lei do valor, com a descrição feita por Marx acerca da acumulação primitiva capitalista e seus efeitos deletérios sobre as comunidades rurais. Ao comentar esta questão, Cohen diz: "(...) Bukharin via

*como principal característica da industrialização capitalista seus efeitos 'parasitários' sobre a agricultura e os camponeses. As cidades enriqueciam 'devorando' e empobrecendo as aldeias (...). Dai o 'legado maldito' deste 'processo vampiresco' - 'pobreza, ignorância, atraso cultural, desigualdade', o que Marx denominava 'a idiotia da vida rural'. E sob este aspecto, haveria uma diferença fundamental 'no tipo de **nossa industrialização**'. (...) 'A industrialização socialista não é um processo de parasitismo em relação ao campo mas sim um meio de **transformar e promover o campo, tanto quanto possível**'. (...)"¹⁶⁴*

Seria difícil concordar com a afirmação de Bukharin de que os, por ele chamados, "subestimadores" do campesinato, ou "superindustrializadores", tinham por objetivo dizimar os camponeses quando propunham a fixação da economia agrícola como fonte da industrialização. Entendendo-se a "transformação" do campo como uma espécie de ação "civilizatória" respaldada na indústria, aquela não poderia acontecer sem o desenvolvimento desta última. Desta maneira, a agricultura deixada livre para crescer segundo as normas da livre iniciativa poderia, sim, apresentar-se como fonte da acumulação na indústria, mas esta pouco provavelmente trilharia outro caminho que não aquele percorrido pelo processo da constituição da indústria no capitalismo.

Dentro da lógica da harmonia é importante localizar o papel atribuído por Bukharin às relações econômicas externas da União Soviética. A formulação desta questão é parte integrante do modelo e não pode ser vista separadamente. Considerando que a nível interno o desenvolvimento deveria ser perseguido mediante uma aliança entre as duas principais classes, procurando com isso muito mais uma solução ideológica para a efetiva oposição emanada da concretude, o desdobramento no plano do mercado internacional implicaria uma postura que acentuasse a contradição entre socialismo e capitalismo.

A bem da verdade, na esfera interna das relações entre as classes, Bukharin exigia o entrelaçamento "cordial" entre proletariado e campesinato para o enfrentamento do inimigo comum representado pela verdadeira burguesia. Entretanto, como já foi destacado, esta última só atuava por concessão do Estado como organizadora, e não proprietária, de unidades produtivas. Conquanto o proletariado e seu aliado tivessem na burguesia o seu inimigo, por extensão, a nível internacional, o Estado operário encontrava no mercado externo o seu adversário a ser combatido. Quer dizer, a burguesia que se opunha à classe operária.

¹⁶⁴ In COHEN, 1990, op. cit., p. 198.

externamente era representada pelo conjunto dos países capitalistas que compunham o mercado mundial.

Este é um outro aspecto da leitura equivocada da dialética das relações sócio-econômicas que leva à confusão entre forma e conteúdo. O hiper-realismo tornado teoria desdobra-se enquanto a harmonia representada pelo isolamento econômico. Ou seja, a URSS só asseguraria sua caminhada para o socialismo separada daquele meio que representava o seu contrário, e por conseguinte, um poderoso campo magnético que a atraia para a destruição. Inexiste na oposição capitalismo-socialismo, como concebida por Bukharin, a unidade de contrários que demonstrava, mesmo na adversidade potencial do polo antitético, a função positiva inerente às relações com o mercado mundial para a construção do socialismo na URSS, sobretudo quando ficara confirmada a impossibilidade da ocorrência da revolução mundial num futuro próximo.

Bukharin, que tanto insistira no desenvolvimento pleno do mercado interno, pouca atenção concede às possibilidades do mercado externo. Essa negativa se cristaliza em face da sua convicção de que a transferência de forças produtivas superiores dos países capitalistas avançados para a URSS só seria possível se o proletariado tomasse o poder naqueles países. Com isso, não atentara para a dialética das relações econômicas internacionais que, por ser a URSS parte obrigatória do mercado mundial, se apresentavam como vias potenciais para que aquela transferência se concretizasse:

"(...) estaremos talvez condenados a perecer, não por causa dos ataques do inimigo externo, mas por causa do nosso atraso, da falta de oportunas ajudas econômicas e técnicas por parte do proletariado vitorioso dos outros países? Seremos vítimas do nosso atraso e da nossa debilidade econômica? A natureza pequeno-burguesa do país, formado por maioria camponesa, com uma classe operária irrelevante e, demais disso, debilitada por longos anos de guerra imperialista e de guerra civil, levará à derrocada tudo o que construímos, conforme uma "férrea necessidade"?

Estas afirmações, que exprimem uma desconfiança total nas forças da nossa revolução, são inteiramente errôneas e infundadas. Decerto, a falta de auxílio técnicos e econômicos por parte da classe operária de outros países (...) provoca extremo retardo do nosso desenvolvimento econômico (...). Se tivéssemos recebido estes auxílios, o nosso crescimento econômico seria incomparavelmente mais rápido (...). Sem este apoio, o nosso desenvolvimento se processará, sem dúvida, mais lentamente, porém, indubitavelmente avançaremos (...) com suficiente evidência, nos primeiros anos seguintes à guerra civil. (...).

*Já demonstramos, em essência, que se pode construir o socialismo também sem uma ajuda técnico-econômica direta por parte de outros países. Decerto, no primeiro período da sua construção, as formas do nosso socialismo serão necessariamente as de um socialismo atrasado, mas elas nos garantirão, seja como for, a possibilidade de progredir em direção a formas de socialismo cada vez mais plenas e acabadas. (...)*¹⁶⁵

É possível perceber implicitamente a essas palavras uma concepção de "separação" entre economia nacional e economia internacional. Há um sentido de exclusão entre estas duas unidades. Assim, depreende-se que, na ausência do auxílio externo voluntário, bem entendido, o mercado interno só teria condições de progressão desde que desvinculado do mercado mundial. Poder-se-ia ir até mais longe afirmando que, em Bukharin, a pré-condição para o desenvolvimento do mercado interno encontra consistência na neutralização da interferência do mercado internacional sobre o mesmo. Ambos os mercados excluem-se mutuamente.

Com a incorporação desta última variável - as relações econômicas externas - completa-se o modelo bukharinista ao tempo em que o mesmo ganha uma lógica mais perceptível. O sentido do isolamento é o de fortalecer a tese de priorização do mercado interno como elemento dinâmico do desenvolvimento socialista para a URSS. Mesmo que seja destacada por Bukharin a importância da industrialização, a mesma não poderia ultrapassar determinados patamares sem a colaboração com o mercado externo.

Sobressai, assim, a opção por um tipo particular de socialismo, um "socialismo" atrasado, que permaneceria nessa situação, por conta dos esforços exclusivamente internos, baseados em seus próprios meios nacionais, até atingir o patamar que permitiria a designação do termo "verdadeiro" socialismo: *"(...) não devemos envergonhar-nos se o socialismo, que estamos construindo, for inevitavelmente um tipo atrasado de construção socialista. Não temos culpa disto. Mas estamos plenamente convictos de dispor da possibilidade de progredir ilimitadamente para dar acabamento a estas formas, liquidar o nosso atraso e passar com rapidez cada vez maior a um tipo de sociedade socialista verdadeiramente completa. (...)"*¹⁶⁶

¹⁶⁵ BUKHARIN, N. I. *A via para o socialismo e a aliança operário-camponesa*. In BUKHARIN. 1990. op. cit., pp. 166-167. Grifos no original.

¹⁶⁶ Idem, p.169.

Retome-se a fundamentação do conceito de proporcionalidade e equilíbrio implementados de acordo com a lógica do mercado. Como foi visto, Bukharin acreditava ser o mercado o mecanismo orientador apropriado para o estabelecimento industrial adequado à implantação do socialismo. Ao mesmo tempo, ele chama atenção para o fato de que a planificação deve ser empregada como um princípio insubstituível no sentido da progressão dos elementos do mercado (lei do valor) para a qualidade de elementos econômicos socialistas. Há, então, uma aparente contradição entre uma planificação, de caráter socialista, e um mercado governado pela lei do valor. Entretanto, a contradição permanece mesmo no plano das aparências, pois a essência representa, na verdade, essa planificação como tradutora da atitude *ex ante* encetada pelo Estado no sentido da organização econômica a partir da sinalização originada da ação espontânea da lei do valor.

Formalmente Bukharin afirma que com a socialização dos meios de produção torna-se possível substituir o mecanismo de regulação espontânea da economia por um mecanismo planejado. Todavia, ele entende que a lei do valor representa mais que um mero regulador espontâneo da porção mercantil visto em sua forma material. Assim, ela pode ser vista como uma forma histórica particular de uma lei geral que governa a distribuição proporcional do trabalho na sociedade. Adaptada para o socialismo, em presença da participação do mercado em seu mecanismo econômico, essa lei geral ganha outra particularidade. Esta, associada ao princípio da planificação, transforma-se numa *lei da proporcionalidade do consumo do trabalho social*.¹⁶⁷

Em sendo a planificação governada pelos ditames da lei do valor, a proporcionalidade entre os diferentes setores e ramos da economia expressariam o movimento da circulação mercantil e não as necessidades previstas para a composição das relações entre as partes da economia segundo uma perspectiva que fugisse ao imperativo das livres forças do mercado. É por isso que em Bukharin o conceito de planificação assume um significado distinto daquele expressado por outros autores que formularam propostas para o desenvolvimento econômico do socialismo tendo o mercado como meio de acumulação.

O economista polonês Wlodzimierz Brus comenta da seguinte maneira o significado do conceito de planificação de acordo com a lógica de Bukharin: "(...) no socialismo a lei do valor é transformada na lei da proporcionalidade dos insumos de trabalho da sociedade, uma lei universal do equilíbrio econômico. A divisão espontânea do trabalho é substituída por uma divisão planejada sem a tendência

¹⁶⁷ Cf. BRUS, Wlodzimierz. *The market in a socialist economy*. Boston, Routledge & Kegan Paul, 1972. pp. 52-53.

capitalista que estabelece o equilíbrio por meio de distúrbios permanentes. Mas, o conteúdo material que, sempre oculta atrás de si a forma da lei do valor, permanece; a participação de um dado ramo de empresas na renda da sociedade é proporcional ao montante do indispensável trabalho contido nos produtos deste ramo ou empresa.

"O plano antecipa estas proporções, que em circunstâncias perfeitas (alguém poderia dizer, em condições de concorrência perfeita) deveriam ser desenvolvidas como resultado da operação das forças do mercado. Como Bukharin situa, o plano é 'uma antecipação do que seria estabelecido (post factum) se a regulação fosse espontânea.' Afirmando que o plano não deveria perturbar a proporcionalidade da divisão do trabalho da sociedade (isto é, a sociedade deveria observar o princípio da compensação das despesas de trabalho), Bukharin faz a teorização básica rejeitando o princípio da não-equivalência das trocas urbano-rurais. (...)"¹⁶⁸

Considerando essa base teórica explicativa da divisão interna do trabalho fica mais fácil compreender a rejeição do vínculo da economia soviética ao mercado mundial como postulava Bukharin. Se a planificação deveria ser admitida como a antecipação da proporcionalidade que o mercado espontaneamente estabeleceria, a iniciativa do Estado para a concretização da distribuição do trabalho deveria reproduzir no plano interno a ação internacional da lei do valor. A consequência, por isso, seria uma internacionalização da economia soviética subordinada ao centro do sistema capitalista. A URSS passaria a ser um elo da divisão internacional do trabalho perdendo a perspectiva do socialismo.

Mas esta é uma conclusão que decorre do conceito de planificação bukharinista, por intermédio do qual os instrumentos naturais do planejamento socialista, a propriedade social dos meios de produção e o monopólio do comércio exterior, em vez de negarem a lei do valor, antes, a validam. Sob este pressuposto de planejamento a economia soviética, de fato, estaria desguarnecida diante do mercado mundial, ficando impossibilitada de utilizá-lo "inteligentemente" em seus propósitos socialistas.

Em suma, assim pode ser analisado o modelo de desenvolvimento proposto por Bukharin, que previa uma evolução lenta e gradual da Rússia soviética ao socialismo segundo condições de exceção. Mesmo assim, representa, de acordo com suas próprias palavras, uma elaboração "otimista" porque não nega a possibili-

¹⁶⁸ BRUS, 1972, op. cit., pp. 53-54. Grifos meus.

dade do socialismo vingar isoladamente num país atrasado. Essa passagem lenta ao socialismo, a "passo de lesma", também é conhecido como o modelo "evolucionário" de Bukharin. Esta evolução em seu término, tal qual os seres vivos, representa um acúmulo de metamorfoses determinadas segundo as condições do meio. Seria muito mais um resultado da ação do meio, e muito menos de uma ação consciente sobre este objetivando transformá-lo.

3.4 O MODELO EXCLUDENTE DE PREOBRAZHENSKY: CONFLITO, ACUMULAÇÃO PRIMITIVA E TROCAS DESIGUAIS

A trajetória percorrida por Preobrazhensky até a definição de uma elaboração que pode ser identificada como um modelo, em consonância com as diretrizes pressupostas neste trabalho, o que ocorreria em meados da década de 20, assemelha-se àquela trilhada por Bukharin, muito embora tenham chegado a conclusões opostas. A semelhança, verificada preliminarmente antes de 1920, está remetida ao campo metodológico, à interpretação dos elementos sociais que compunham a Rússia soviética como referencial para a sugestão de um determinado mecanismo econômico que conduzisse ao socialismo.

Até a deflagração da NEP, também Preobrazhensky, sobretudo, por se deparar com a situação prática representada pela organização econômica particular do Comunismo de Guerra, acreditava ser possível a passagem direta ao socialismo. Esta conclusão, evidentemente, está em concordância com a concepção metodológica que indica a inexistência de contradições, ou a ausência de oposição, entre as relações sociais de diferentes qualidades históricas presenciadas na sociedade soviética naquela oportunidade.

Compreendendo o Comunismo de Guerra como a revelação de uma aparelhagem econômica de caráter exclusivamente socialista, a adoção de tal mecanismo representaria de *per se* a manifestação imediata do próprio socialismo. Identifica-se mais uma vez, entre as elaborações teóricas das principais personagens da direção revolucionária, a concepção do salto "não-dialético". Na visão de Preobrazhensky, naquele momento, a economia soviética se afigurava tal qual uma economia "natural". Quer dizer, um conjunto de circunstâncias conduziu ao estabelecimento de métodos econômicos, os quais, pelo seu conteúdo, e em presença da propriedade social dos meios de produção, exigiram a concretização de uma "unidade" de elementos homogêneos.

Manifestamente, de acordo com essa lógica, como já se verificara com Bukharin em seus posicionamentos anteriores a 1921, a adoção de tal elaboração leva-o a concluir pela desimportância de um processo de transição. Não poderia ser

diferente. Preobrazhensky calculava uma economia funcionando de forma totalmente centralizada; a circulação e a distribuição seriam estabelecidas administrativamente por intermédio de um dirigismo a partir do Estado e, além disso, haveria a ausência do dinheiro. Dessa maneira, já ao final da guerra civil, em 1920, a URSS teria adentrado ao socialismo. O esforço de desenvolvimento daí para a frente se daria com um aparelho econômico já implantado em bases socialistas, restando apenas o desenvolvimento desse próprio aparelho segundo tais condições.

A abordagem da economia totalmente "naturalizada" também não resistiu aos profundos requerimentos de reconversão da economia soviética assim que o país pôs termo à guerra deflagrada em defesa da revolução de outubro. Então, numa postura autocrítica, concordando com a impossibilidade da uniformidade econômica, Preobrazhensky passou a refletir a respeito dos rumos econômicos do país dos soviéticos tendo como ponto de partida a diversidade das relações econômicas.

Pode-se dizer com certeza que as idéias de Preobrazhensky que conformam seu modelo completo estão contidas em sua principal obra *A nova econômica*, publicada pela primeira vez em 1924. Contudo, antes disso, em 1921, ainda embrionariamente, já trabalhava com a suposição da economia mista em seu texto *As perspectivas da Nova Política Econômica*. Pouco depois, em 1922, seu livro *De la NEP ao socialismo* trazia uma versão melhorada, embora incompleta, do sistema teórico que se inscreveria a partir de 1924 como uma das obras mais significativas do marxismo na tentativa de pensar a estrutura econômica do socialismo.¹⁶⁹

O mecanismo do desenvolvimento para o socialismo apresentado por Preobrazhensky, pautado numa preocupação remetida à dialética econômica da transição, desdobra-se numa construção teórica inovadora e peculiar por ele chamada de **lei da acumulação socialista primitiva**. Esta é apresentada em todos os seus fundamentos e contornos n'*A nova econômica*. Esta obra, então, representa a síntese do pensamento econômico de Preobrazhensky e, conquanto ele tenha redigido outros textos nos anos posteriores a 1924, ela será tomada aqui como o texto fundamental deste importante autor para a análise de suas contribuições.

Como primeiro passo necessário ao entendimento das proposições de Preobrazhensky faz-se indispensável procurar compreender sua interpretação concernente ao caráter heterogêneo da economia soviética dentro do universo

¹⁶⁹ PREOBRAZHENSKY, Evgueni. *A nova econômica*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979. *As perspectivas da Nova Política Econômica*. in BERTELLI, A. R., 1987, op. cit. *De la NEP ao socialismo*. Barcelona, Fontanella, 1976.

conflituoso que reúne caracteres mercantis-capitalistas e socialistas, compondo, com isso, um determinado sistema econômico misto. Tendo essa preocupação em vista, identifica-se em Preobrazhensky a argumentação de que a URSS deveria ser estudada como um sistema de *economia socialista-mercantil*. Nessa economia encontrava-se uma unidade dialética reunindo elementos de mercado e de planificação. A presença da planificação se apresentava lado a lado, mas em oposição, à lei do valor e sua "força de ação externamente coercitiva"¹⁷⁰

Para ele, este quadro assim constituído deveria ser obrigatoriamente considerado sob pena de ter-se que deparar com crises indesejáveis. Estas se manifestariam em virtude da presença do elemento mercantil na economia com seus fundamentos carregados de irracionalidade. Estaria-se, portanto, diante de uma situação objetiva que não poderia ser ignorada. Assim, duas leis marcavam presença: a lei do valor e a lei da acumulação socialista primitiva, que confrontavam-se, mas esta última deveria ser considerada o regulador determinante da economia neste primeiro estágio do período de transição.¹⁷¹

A coexistência dos métodos econômicos diferenciados, como se vê, teriam lugar num primeiro estágio do período de transição ao socialismo. Neste, a acumulação deveria acontecer, necessariamente, lançando-se mão do recurso ao elemento mercantil-capitalista. Em face do atraso russo, era este o que apresentava as melhores condições de levar o socialismo aos meios mais rápidos de acesso aos recursos materiais que poderiam ser transformados em fonte de sua própria acumulação.

A economia mista é identificada com uma particular forma da acumulação que perduraria por um determinado tempo ao fim do qual estariam fixadas as condições para que a acumulação socialista propriamente dita passasse a ocorrer regularmente. Em vista disso, enquanto se apresentasse a necessidade de funcionamento da economia mista, estaria a sociedade soviética ainda transitando ao socialismo por meio de sua acumulação primitiva: "(...) a *acumulação socialista no verdadeiro sentido da palavra, quer dizer, a acumulação com base técnica e econômica socialista, que já tenha desenvolvido todos os traços que **lhe** são característicos e todas as **vantagens que lhe são específicas** só pode começar depois que a economia soviética tenha ultrapassado a etapa da acumulação primitiva. (...)*"¹⁷²

¹⁷⁰ PREOBRAZHENSKY, 1979, op. cit., p. 63.

¹⁷¹ DAY, Richard B. *Preobrazhensky and the theory of the transition period*. In "Soviet Studies", Vol. XXVII, No. 2, abril 1975, pp. 196-219.

¹⁷² PREOBRAZHENSKY, 1979, op. cit., p. 92. Grifos no original.

O sentido dessa acumulação significa, pode-se concluir, a incorporação ao raciocínio de Preobrazhensky do princípio da dialética econômica da transição que indica a imperiosidade da utilização do mercado como método econômico para a implantação do socialismo. O caráter antitético do sistema econômico está remetido, então, a esta fase conceituada como o tempo da acumulação primitiva. Isto torna-se mais sintomático quando se detecta a preocupação do referido autor em distinguir as duas formas da acumulação que deveriam ocorrer, em períodos distintos, ao interior do Estado operário, designando etapas qualitativamente diferenciadas do processo de transição:

*"(...) por acumulação **socialista** designamos a adição, aos meios de produção em funcionamento, de um sobreproduto que foi criado no interior de uma economia socialista já constituída e que não servirá para uma repartição suplementar entre os agentes da produção socialista e o Estado socialista mas será empregado na reprodução ampliada. Ao contrário, qualificamos de acumulação **socialista primitiva** a acumulação nas mãos do Estado dos recursos materiais extraídos total ou parcialmente de fontes situadas fora do sistema da economia estatal. Esta acumulação deve desempenhar, num país atrasado, um papel de grande importância, apressando consideravelmente o começo da reconstrução técnica e científica da economia estatal e o momento em que ela terá, finalmente, a supremacia puramente econômica sobre o capitalismo.
(...)"¹⁷³*

Incorpora-se a esse sentido particular da acumulação sob mecanismos mercantis a convicção peremptória de Preobrazhensky a respeito da compreensão da essência da economia soviética, da qual deveriam emanar as tomadas de decisões no que respeita a adoção das medidas de política econômica adequadas e pertinentes à progressão para o socialismo. Deveria ser compreendido que a economia soviética estava colocada perante uma situação objetiva, traduzida na lei da acumulação socialista primitiva. Em confrontação com a lei do valor, a ela estava designada a função fundamental de determinar a repartição das forças do trabalho e a importância do sobreproduto social em benefício da materialização das condições da reprodução ampliada socialista.

Esse método utilizado por Preobrazhensky para estudar a economia soviética, evidentemente, está inspirado no materialismo histórico e na própria interpretação que Marx faz acerca da gênese do modo de produção capitalista. A fase preliminar na qual foram criadas as condições para o assentamento do capital é chamada por Marx como o processo da **acumulação primitiva do capital**:

¹⁷³ Idem, pp. 94-95. Grifos no original

"(...) o processo que cria a relação-capital não pode ser outra coisa que o processo de separação do trabalhador da propriedade das condições de seu trabalho, um processo que transforma, por um lado, os meios sociais de subsistência e de produção em capital, por outro, os produtores diretos em trabalhadores assalariados. A assim chamada acumulação primitiva é, portanto, nada mais que o processo histórico de separação entre produtor e meio de produção. Ele aparece como 'primitivo' porque constitui a pré-história do capital e do modo de produção que lhe corresponde. (...)"¹⁷⁴

Mas, também, neste longo processo o primitivismo encerra dois significados: uma primeira qualidade, de pré-condição, no sentido do que vem em primeiro lugar, que antecede. E a segunda qualidade, cujo conteúdo tem o significado dos procedimentos práticos empregados, incivilizados, que se identificavam com a barbárie e a selvageria como bem se sabe. Além disso, neste período em que conhecera sua acumulação originária, o capitalismo, visto como um modo de produção e suas relações de produção fundamentais que lhe são definidoras, ainda não existia e, por isso, solicitava essa acumulação para se estabelecer, o que ocorreria ao final de alguns séculos.

Diferentemente do que aconteceu com o capitalismo em sua formação, o período de acumulação primitiva para o socialismo se inicia com a própria inauguração da propriedade socializada. Para o capitalismo, sua acumulação primitiva apresentou-se como um processo histórico precedente à definição de seus traços principais, portanto, como pré-condição para que ele pudesse se constituir a posteriori como modo de produção definido. Já para a solidificação do socialismo, a pré-condição essencial é a existência daquele que é seu traço definidor, qual seja, a propriedade coletiva dos meios de produção.

A diferença entre os dois processos se acentua quando se vislumbra o destino indicado aos mercados em cada uma das duas sociedades. No capitalismo, conquanto os elementos mercantis normais não tenham sido suficiente, de acordo com a objetividade econômica, para seu próprio desenvolvimento em mercado capitalista, a intervenção extra-econômica cumpriu o papel indispensável para a perpetuação da instituição do mercado. Já no socialismo, o objetivo não é a consolidação do mercado; pelo contrário, para que o socialismo se afirme torna-se necessário o seu desaparecimento.

A analogia entre os dois processos de acumulação primitiva, o capitalista e o socialista, se apresenta pelo fato de que em ambos o mercado não é suficiente

¹⁷⁴ MARX, Karl. *O capital*. São Paulo: Nova Cultural, 1985, vol. II, p. 262.

para, previamente, fundamentar as condições de triunfo das novas relações de produção. Torna-se obrigatória, como no caso do capitalismo, uma intervenção extraordinária, com a grande diferença de que, a respeito do socialismo, não haveria o recurso à violência ou métodos extra-econômicos que ultrapassassem o caráter de uma norma obrigatória. Sendo assim, a acumulação originária socialista, como pré-requisito para a afirmação das novas relações sociais, teria que incorporar o princípio da planificação como elemento fundamental para dar ao mercado, contraditoriamente, a condição de precursor do próprio socialismo.

A figura do capitalista comercial, como estudado por Marx, é um ponto de referência significativo para Preobrazhensky quando adota a acumulação primitiva do capital como inspiração histórica para a concepção de seu modelo de desenvolvimento soviético. Como se sabe, o comerciante permaneceu por um determinado tempo rodeado por elementos feudais, não podendo dar o passo decisivo para transformar o excedente do capital comercial acumulado em capital industrial e, por isso, dificultando a universalização das relações de produção próprias do novo modo de produção. Da mesma maneira, até certo ponto, sob a NEP, as empresas soviéticas nacionalizadas estavam envolvidas num caudal de relações mercantis-capitalistas, quando se apresentava a necessidade de que estas mesmas empresas acumulassem o excedente social por intermédio do monopólio dos preços, visando alcançar a universalidade representada pela extinção da contradição entre cidade e campo.¹⁷⁵

Em se tratando da composição de um aparelho econômico misto requisitado para a URSS, tendo como parâmetro a lei da acumulação socialista primitiva, a dialética econômica toma a forma dos setores econômicos opostos representados, de uma lado, pela economia camponesa e suas relações mercantis, além de outras unidades produtivas industriais e comerciais sob orientação da burguesia e, de outro, a economia estatal representando o âmago da planificação econômica. Em outras palavras, estes setores podem ser identificados como, respectivamente, a pequena produção mercantil-capitalista e a grande produção estatal-socialista. Ao mesmo tempo, todas as atividades econômicas vinculadas ao meio mercantil são caracterizadas como formas econômicas não-socialistas.

A acumulação socialista primitiva ganha concretude com a instalação de uma circulação econômica na forma de trocas entre os dois grandes setores da economia. A alienação do excedente das atividades pré-socialistas em favor do segmento socialista é o método por excelência da acumulação socialista primitiva.

¹⁷⁵ DAY, 1975, op. cit., p. 218

Enquanto um sistema, a transição supõe uma troca de valores entre a pequena e a grande produção, configurando uma situação em que a primeira mais fornece do que recebe. Neste período "*(...) a economia estatal não pode prescindir da apropriação de uma parte do sobreproduto do campo e do artesanato e, também não pode deixar de subtrair da acumulação capitalista em proveito da acumulação socialista. (...)*"¹⁷⁶

Uma vez definida a permanência do poder nas mãos do proletariado, tornou-se inelutável a necessidade de reconstrução econômica de todo um sistema. Entretanto, a condição exigida para que essa economia perdurasse por longo tempo identificava-se com um período inicial de acumulação que refletisse não o aumento de um fundo de reposição da economia estatal, mas, antes de tudo, uma redução do déficit anual em forças produtivas dessa economia.

Por sua vez, a redução desse déficit não representava apenas a reconstrução de uma economia herdada do regime anterior, que soçobrara em meio as conflagrações enfrentada pela Rússia czarista entre o início da primeira guerra e o fim da guerra civil. Em se tratando, na nova situação, da organização econômica de um Estado operário, o que estava colocado, na verdade, era a introdução das fundações dessa economia por intermédio desse processo de acumulação primitiva. Para tanto, era solicitada uma acumulação rápida ao tempo em que esta deveria espelhar a implementação das bases técnicas da indústria por meio da eletrificação e da distribuição das instalações industriais orientadas segundo uma racionalidade econômica que obrigatoriamente se confrontaria com o sistema econômico capitalista. Este último, é bom que se mencione, ainda deveria permanecer com uma força considerável após a retomada do funcionamento econômico do país.

Um regime de acumulação como este, claro está, apesar de toda diferenciação já destacada perante a acumulação capitalista primitiva, teria que ser estabelecido inevitavelmente mediante um método de **exploração** do trabalho que se assemelhava àqueles verificados na fase pré-capitalista, quando o capital comercial se avolumara valendo-se da exploração das diversas formas de economia pequeno-burguesa. Não obstante, a exploração tipicamente burguesa, baseada em formas explícitas do trabalho assalariado, seria também empregada. Apesar da inevitabilidade da manutenção da produção da "mais-valia" como mecanismo de acumulação, esta estava menos presente na indústria socialista, implicando que seus operários deveriam fornecer um volume menor de sobreproduto do que a força de trabalho que estava em ação nas atividades pré-socialistas.

¹⁷⁶ PREOBRAZHENSKY, 1979, op. cit., p. 100.

Aqui há um posicionamento explícito em favor do recurso à exploração econômica como mecanismo de desenvolvimento do socialismo. Este assunto, aliás, esteve presente no centro dos debates travados, quase que permanentemente durante a década de 20, entre os principais autores que de fato influenciavam na condução dos caminhos que o país deveria seguir. Por exemplo, ficou célebre a disputa teórica entre Preobrazhensky e Bukharin em torno da questão dos reguladores implícitos ao funcionamento da economia soviética. Argumentando que nesta economia encontravam-se presentes dois reguladores, a lei do valor e a lei da acumulação socialista primitiva, que necessariamente lutavam um contra o outro, Preobrazhensky combatia as opiniões contrárias que minimizavam, ou negavam, esse estado de luta:

"(...) entre nós, durante uma época, foi considerado como o máximo do realismo em negócios e da coragem comunista tratar nossa economia como uma variedade de economia mercantil, apenas alterada pela existência da propriedade estatal no tocante à grande indústria. Este ponto de vista supunha tacitamente a existência, na economia soviética, de uma única lei fundamental atuando na economia mercantil: a lei do valor. Se assim fosse, sob a influência desta lei que exerce sua pressão do interior e do exterior, a indústria estatal deveria ser absorvida na NEP ou dissolver-se imediata e completamente; o monopólio estatal deveria tornar-se cada vez mais fictício; as empresas deficitárias deveriam fechar suas portas e somente as empresas rentáveis deveriam subsistir, etc. O sistema de transporte e a metalurgia, em particular, deveriam deixar de funcionar ou passar às mãos do capital estrangeiro, etc.

*Nós nada observamos de tudo isso mas pelo contrário vimos como se desenvolve e se reforça progressivamente um processo precisamente inverso, que marcha paralelamente com o desenvolvimento do caráter mercantil da economia camponesa. Por que as coisas se passam dessa maneira? Se este processo se desenrola, não de acordo com a linha do regulador da economia mercantil mas contra ela, se a indústria estatal se desenvolve e se reforça de modo inverso e contra a ação da lei do valor, isto só é possível porque outra lei se opõe à lei do valor, modificando-a, desviando-a ou eliminando-a parcialmente. (...)"*¹⁷⁷

É de significativa importância no modelo de Preobrazhensky a visão do funcionamento econômico sob a luta dos dois reguladores. Isto porque ela acentua a postura de intervenção consciente sobre o processo econômico conferindo traços fortemente socialistas ao organismo em gestação. Na construção teórica de Preobrazhensky não há margem para dúvidas, ou incertezas, no que tange à presença de uma lógica positiva viabilizadora do socialismo. Quer dizer, ele

¹⁷⁷ Idem, p. 157.

clamava pelo rigor teórico que permitisse caracterizar a economia soviética com elevada margem de segurança quanto às possibilidades de prevalectimento de seus elementos não capitalistas ou não mercantis.

Apresentava-se para ele como indispensável compreender as tendências fundamentais do desenvolvimento soviético a partir da existência das duas leis para se ter clareza das características novas e originais apresentadas por esta economia. Se não fosse assim, restaria situar-se numa posição em que as "exceções" seriam a regra. Ou se clamaria por uma "lei geral", quando houvesse insatisfação com o recurso às "particularidades". Este seria um quadro profícuo em indefinições que se imporia por se alçar o desenvolvimento mercantil à condição de norma dinâmica, quando aquele não poderia ser tomado como a plataforma da qual deveriam ser deduzidos os novos fenômenos.

Por essa razão torna-se um imperativo o reconhecimento de que a economia soviética, representando um sistema heterogêneo, mas carregado de inovações, surge historicamente como a continuação das tendências declinantes do capitalismo, agora mais aprofundadas. Estas tendências se manifestavam ainda sob o modo de produção burguês expressando-se por intermédio do elevado grau de monopolização da economia, com o conseqüente monopólio estatal da grande indústria, dos transportes e do sistema de crédito, além de um amplo e poderoso sistema cooperativo. Sendo assim, em face do acentuado enfraquecimento da lei do valor ainda sob o capitalismo, não teria sentido acreditar no seu reforçamento quando do advento do regime da propriedade social dos meios de produção.

De forma que, o mais interessante, e que confere maior originalidade à teorização de Preobrazhensky, é sua explicação de que as relações mercantis presentes no interior da economia socialista não situam-se organicamente como parte desta. Não se apresentam como um aspecto das leis imanentes do desenvolvimento da economia estatal. Elas estão localizadas fora desta última, são exteriores a ela, por conseguinte, adquirindo um caráter formal no conjunto das relações que compõem o sistema econômico soviético.

Em se tratando da economia soviética, então, a ação da lei do valor não pode ser verificada de acordo com o comportamento que lhe é peculiar quando se encontra presente em seu meio social natural. Naquela nova sociedade, as relações mercantis seriam identificadas como manifestações econômicas estranhas *vis à vis* às relações que se pretendia gerar e desenvolver. Como conseqüência, as atividades relacionadas aos mercados, que carregam consigo seu regulador particular, deveriam ser levadas a uma transformação de seu movimento original,

tendendo ao definhamento na medida em que a economia estatal se fortaleceria. Este fortalecimento é representado pela capacidade de implementação e realização de um Plano que articularia os diferentes ramos e setores econômicos estatais segundo a lógica de proporções e distribuições identificadas com a instalação da reprodução socialista ampliada.

Este é o verdadeiro significado do conceito da acumulação socialista primitiva. De forma mais precisa, Preobrazhensky o define sucintamente n'*A nova econômica*: "(...) *Entendemos por lei da acumulação socialista primitiva a soma de todas as tendências conscientes e semi-espontâneas da economia estatal que estão orientadas para a ampliação e reforçamento da organização coletiva do trabalho na economia soviética e que impõem necessariamente ao Estado soviético: 1) proporções determinadas na distribuição das forças produtivas, proporções que se estabelecem a partir da luta contra a lei do valor dentro e fora de nossas fronteiras e que têm por tarefa objetiva atingir o ponto ótimo da reprodução socialista ampliada em dadas condições e o máximo de capacidade defensiva de todo o sistema na luta contra a produção mercantil-capitalista; 2) proporções determinadas de acumulação de recursos materiais com vistas à reprodução ampliada, notadamente às custas da economia privada, na medida em que volume determinado desta acumulação é ditado compulsoriamente pelo Estado soviético, sob a ameaça da desproporção econômica, do aumento do capital privado, do enfraquecimento dos laços que unem a economia estatal à produção camponesa, da ruptura, nos próximos anos, das proporções necessárias da reprodução socialista ampliada e do enfraquecimento de todo o sistema na sua luta contra a produção mercantil-capitalista no interior e fora do país. (...)*".¹⁷⁸

O traço característico do modelo misto de Preobrazhensky, que o distingue dos demais autores, é a separação natural entre os dois setores fundamentais da economia soviética. O trânsito entre estas partes diferenciadas somente tem sentido, e se materializa, se uma delas, de ante-mão, é alocada numa posição de subordinação, embora cumpra por um período relativamente longo um papel insubstituível para a viabilização da acumulação socialista. Contraditoriamente, portanto, se poderia afirmar que os métodos mercantis ocupam um lugar "natural" neste sistema pensado para o desenvolvimento do socialismo. Sem ele, não seria possível ter-se um resultado futuro que se identificaria com o objeto procurado, este representando a forma mais evoluída da organização da produção social humana.

¹⁷⁸ Ibidem, p. 165.

Aprofundando o significado desta separação, pode-se argumentar que ela se impõe como um pré-requisito, redundantemente, pela simples razão das origens e fins distintos dos dois setores. E exatamente porque são de naturezas diferentes é que nasce o conflito, pois cada um deles aparece com independência perante o outro. Porém, é uma independência relativa, como já se viu. A independência do setor estatal da economia evidencia-se pela possibilidade de intervenção consciente sobre o mercado procurando moldá-lo a uma determinada forma, a qual, no fundo, nega as formas mercantis. Por outro lado, a independência do mercado encontra-se inserida na ação objetiva de uma lei econômica que, mediante o espontaneísmo, faz sua intervenção sobre as formas econômicas que a conflitam. Também a lei do valor, em que pese este espontaneísmo, atua, embora inconscientemente, na economia soviética no sentido de destruir as relações econômicas estatais, procurando adequá-las ao espaço mercantil.

Deste modo, não causa surpresa que Preobrazhensky tenha atribuído somente à ação do regulador estatal a possibilidade de formação de um sistema econômico com identidade socialista. O mercado, deixado à sua própria sorte, conduziria ao sistema oposto, isto é, ao desenvolvimento do capitalismo. É por isso que, no sentido do socialismo, a existência do mercado só pode ser tolerada se governado, ou controlado, pela lei da acumulação socialista. Enquanto usufrui da economia mercantil, utilizando-a como fonte de acumulação, o regulador da economia estatal não pode atuar por meio do mercado.

A intervenção sobre o mercado identifica-se com a própria acumulação primitiva quando se observa que, a partir da consolidação do poder operário, há um evidente desequilíbrio entre a agricultura e a indústria. Não há justificativa para a permanência dessa diferença quando se pretende erguer o socialismo, já que, sobretudo, como já se viu, havia unanimidade em associar a industrialização generalizada do país com o próprio socialismo. O desaparecimento do desequilíbrio, espelhando o dirigismo estatal, seria feito por meio de determinados procedimentos, os quais deveriam ter o conteúdo de "exploração". Em termos práticos, representariam a constituição do movimento econômico entre os dois setores por meios das trocas, que passaria a ser o elo de ligação entre os mesmos.

Mas, se, como já foi lembrado, para Preobrazhensky os dois segmentos econômicos apresentavam-se independentemente, por conta de suas naturezas distintas, como a troca poderia ser um mecanismo de ligação entre eles? A troca só poderia cumprir esta função de acordo com os ditames da acumulação socialista primitiva se fosse "destituída" de seu conteúdo mercantil. Em outras palavras, se a definição dos valores intercambiados não fosse estabelecida no âmbito do mercado,

mas fora dele, de acordo com o interesse da acumulação no setor socialista. Disso decorre que a realização do valor expressaria montantes de trabalho diferentes daqueles que as mercadorias portariam. Trata-se de um sistema de **trocas desiguais**, ou de trocas de valores **não-equivalentes**. Em suma, uma substantiva transferência líquida de valores deveria fluir da agricultura para a indústria no contexto da lei da acumulação socialista primitiva.

Por outro lado, Preobrazhensky afasta com decisão a possibilidades de que as trocas se façam de forma equivalente. Com a exceção da tolerância de tal possibilidade no curto-prazo, ele argumenta que concordar com a equivalência como normalidade seria o mesmo que admitir que os dois setores da economia fazem parte de um mesmo sistema econômico, podendo existir lado a lado num equilíbrio recíproco. Se configurada uma situação como essa, seria necessário concordar que um sistema não deveria eliminar o outro. Pelo contrário, eles coexistiriam por longo tempo, ou, indefinidamente.

Por último, em se concordando com a existência do mercado, seria necessário admitir a existência da moeda. De fato, Preobrazhensky não sugere a eliminação da moeda nesta fase da acumulação. Remete esta questão à lógica de seu argumento teórico, ao espírito das trocas não-equivalentes. Assim, as formas monetário-mercantis não estão descartadas, pois a questão principal não é a forma mas o conteúdo econômico das relações de troca. As formas monetário-mercantis, como se observou, estão separadas da operação da lei do valor *stricto sensu*. As trocas nas quais as formas monetárias aparecem não são idênticas às formas nas quais a lei do valor opera.¹⁷⁹

¹⁷⁹ BRUS, 1972, op. cit., pp. 49-51.